

tema de capa

- Editorial:** SIM. Um debate sobre o desarmamento **pg. 2**
Depoimentos **pg. 3**
Desmond Tutu: “Olho por olho torna o mundo cego” **pg. 8**
Luiz Eduardo Soares: “O ovo da serpente está sendo gestado no sul” **pg. 11**
Allan Kranh: Reeducar para uma cultura de paz **pg. 14**
Lúcio Hammes: A paz e a violência se aprendem **pg. 18**
Carlos Sant’Ana: “SIM” ajudará a reduzir homicídios **pg. 21**
Pedro Bertol: Quanto mais pessoas armadas, maior será a segurança **pg. 24**
Joana Fontoura: Os rumos da paz em nossas mãos **pg. 26**

Brasil em foco

- Roberto Malvezi** - A vida pela vida. A transposição do Rio São Francisco em debate- **pg. 27**
Luiz Flávio Cappio – Bispo diz que “entrega a vida” se Lula não recuar de projeto - **pg. 30**
Washington Novaes – No mistifório do São Francisco - **pg. 32**

Destaques da semana

- Livro da Semana:**
Jared Diamond: *Colapso*. Rio de Janeiro: Record, 2005. –**pg. 35**
- Artigos da Semana:**
Jeremy Rifkin: Um basta às homilias de Bush – **pg. 38**
Michael McCarthy: Aquecimento global, uma arma fumegante - **pg. 41**
- Teologia Pública:**
O encontro de Hans Küng com Bento XVI – **pg. 42**
- Memória**
Golias e o humor do homem simples - **pg. 52**
- Deu nos jornais** **pg. 55**
Frases da semana **pg. 56**

IHU em revista

- Eventos** **pg. 58**
IHU Repórter **pg. 72**

Editorial

No dia 23 de outubro, a população brasileira participará do referendo popular sobre o controle do comércio de armas e munições, o primeiro sobre este tema no mundo. O assunto é complexo e deve ser debatido pela sociedade e pela Universidade. Na atual edição da **IHU On-Line**, diversos especialistas no tema e pessoas da sociedade civil contribuem com seus pontos de vista em entrevistas e depoimentos. Nas “notícias diárias”, publicadas pela página www.unisinos.br/ihu temos publicado artigos, entrevistas e notas sobre o assunto. Trata-se de uma modesta contribuição para o debate sobre esse relevante tema.

A greve de fome de Dom Luís Flávio Cappio, franciscano, contra a transposição do Rio S. Francisco e pela defesa da vida do “rio da unidade nacional”, foi acompanhada pelo IHU, nesta semana, por sua página eletrônica e é tema desta edição. Tanto no Brasil quanto no mundo, o tema ambiental está cada vez mais na agenda da atualidade. Os artigos traduzidos dos jornais **Guardian** e **The Independent**, analisando os recentes furacões e a resenha dos livros **O Estado do Mundo 2005** e **Colapso** de Jared Diamond, recém-traduzido, são a clara manifestação de que a questão ecológica mais do que nunca está na agenda de todos e todas que se preocupam com o futuro do planeta. Por isso, a greve de fome do bispo de Barra, na semana da festa de São Francisco de Assis, é profética e cheia de sentido.

Nesta semana, a Unisinos continua a celebrar o Ano Internacional da Física, com o **Ciclo de Estudos Desafios da Física para o século XXI: uma aventura de Copérnico a Einstein**. O Prof. Dr. Enio Frota da Silveira, do Departamento de Física da PUC-Rio, na quarta-feira, dia 5, abordará o tema *Einstein: Um pouco da sua vida e de seu legado*. Na quinta-feira, com o Prof. Dr. Marcelo Dascal, professor de filosofia na Universidade de Tel Aviv, será debatido, no **IHU Idéias**, o conflito palestino-israelense sob a seguinte perspectiva: *Alternativas para resolver conflitos nos pensamentos judaico, islâmico e cristão*. Enquanto isso, em Porto Alegre, na Livraria Cultura, a Profa.Dra. Maria Aparecida Grendene de Souza, pró-reitora de Planejamento e Administração da UFRGS, debaterá o tema *A Era Industrial e a Contribuição de Alfred Marshall*.

A todas e todos, na semana da festa de Francisco de Assis, desejamos Paz e Bem!

Indecisão e contradição nas opiniões sobre o desarmamento

A revista **IHU On-Line** foi às ruas para ouvir a opinião de diversas pessoas sobre o referendo do dia 23 de outubro, por meio do qual será aprovada ou não a comercialização de armas de fogo e munição no País. Escolhemos algumas pessoas para falar sobre o assunto e selecionamos outras aleatoriamente nos corredores do câmpus da Unisinos. A contradição dos argumentos e a indecisão quando o tema são os benefícios e malefícios de possuir uma arma de fogo marcam os depoimentos. A amostra a seguir não tem valor estatístico. Acompanhe:

“Mais armas não trazem estabilidade e segurança”



Lama Padma Samten, presidente do Centro de Estudos Budistas do Caminho do Meio, de Viamão, votará sim, a favor do desarmamento. Ele acredita que o sim está mais próximo da noção de uma sociedade mais justa e pacífica. “Temos uma

oportunidade, ainda que seja apenas por meio de um referendo, de refletir um pouco melhor sobre nossas ações”.

Lama afirma que no centro budista todos votarão pelo sim, mesmo que seguindo diferentes argumentos: “No budismo, há uma atitude geral pela paz. Naturalmente, a proposta do sim está mais ligada a essa noção da cultura de paz”.

Para Lama, a questão da paz, do desarmamento e das nossas atitudes é algo mais profundo. “O referendo oferece uma oportunidade para refletirmos sobre a questão e emitir nossa própria opinião. Esse é o aspecto principal”, defende. “A posição sim é mais próxima à atitude geral ligada a um processo de paz, de respeito. Não acredito que a liberação do comércio de armas seja uma posição pacífica.

Não vejo nada que tenha valor nisso. Mais armas não vão trazer qualquer tipo de estabilidade ou segurança para as pessoas. Também não acho que a proibição das armas vá encerrar efetivamente a sua circulação. Mas penso que as pessoas que cumprem as leis e tentam fazer as coisas da melhor forma vão estar mais seguras efetivamente se não tiverem armas.”

Aparente noção de segurança

Lama Padma Samten alerta que o porte da arma dá uma falsa noção de segurança:

“No caso de um assalto, se a pessoa estiver armada, causará mais medo nos atacantes. Isso pode levar a algo muito pior do que se não estivesse armada. De modo geral, nossas armas são muito fracas. Os assaltantes usam metralhadoras. Nossas chances são muito pequenas. Uma dona-de-casa ou um pai de família não tem o reflexo de puxar uma arma, dar um tiro, acertar e enfrentar a situação de insegurança. Isso é uma ilusão. A questão da segurança tem de ser focada de uma outra forma, por meio da construção de uma cultura de paz”.

“O desarmamento só vai fortalecer o contrabando”

Maria Eliane Borchardt, 49 anos, atendente na Loja de Cópias e Impressões das Ciências da Saúde da Unisinos, mora em São Leopoldo e votará não ao desarmamento. Para ela, se for proibida a compra de armas, quem as tiver, continuará tendo. “Isso vai fortalecer os contrabandistas, porque as pessoas vão continuar a comprar. Sou contra porque o esquema está mal-estruturado. Eles querem desarmar quem está na ponta, nós, o povão. Essa lei é só para aumentar o poder dos bandidos”.

Para Maria Eliane, o objetivo do governo ao implantar a lei neste momento é conseguir um desvio de atenção: “Isso transfere o olhar do povo para outro lado que não seja a crise política. Esse não é o momento e o Brasil não está preparado para esse referendo. A partir do momento em que tivermos uma situação

saneada nas instituições, daí concordo com o desarmamento do povo”.

Maria Eliane já usou arma e até fez curso de tiro, mas atualmente não possui mais seu revólver calibre 38, cano curto. “Era para atirar mesmo”, lembra. Questionada, ela afirma que hoje não compraria mais uma arma: “Nós não estamos preparados para atirar, o bandido está sempre pronto para nos matar e nós não temos essa índole. Até podemos ter uma arma. Mas se não formos exímios atiradores, não devemos mexer nela, porque o assaltante armado está pronto para atirar. Se a gente piscar, ele mata”.

No caso de um assalto em casa, Maria Eliane pensa que uma arma pode atrapalhar: “A pessoa pode ficar nervosa e se machucar com a própria arma. Quando eu tinha arma em casa, me sentia mais segura. Mas não sei se a usaria na hora que precisasse”.

“Quem sabe alguma vida se poupe”

Telles Pelisson, 50 anos, é bancário da agência da Caixa Econômica Federal na Unisinos e mora em São Leopoldo. Ele votará a favor do desarmamento. Mesmo assim, acredita que, na prática, a situação não irá mudar muito. “Quem quiser poderá comprar armas em qualquer local, trazidas de fora do País ou até fabricadas artesanalmente, pois qualquer torneiro mecânico faz uma arma”.

Telles só usou rifle de caça, algumas poucas vezes: “Ter uma arma não me protege. Em um assalto, ter uma arma nas mãos só piora a situação. Não uso nada, nem canivete”.

O bancário não acredita que a violência diminuirá com o desarmamento, pois o maior problema está nas armas sem controle ou registro, por serem contrabandeadas. Para ele, o governo propõe essa lei como algo figurativo ou simbólico para demonstrar a tentativa de diminuir a violência. “É só para inglês ver. Basta pensarmos nas armas que foram recolhidas. A maioria foi sucata. As pessoas queriam se livrar daquilo e não sabiam o que fazer”.

Telles vota a favor do desarmamento, a favor da paz. “É o que se espera. Quem sabe alguma vida se poupe com isso”, afirma.

O ladrão teme a reação

Jeferson Zanini, 22 anos, aluno de Administração de Empresas e Arquitetura na Unisinos e residente em São Leopoldo, votará não ao desarmamento no referendo de 23 de

outubro. Ele acredita que o ladrão se inibe com a possibilidade de haver uma arma na casa que pretende assaltar. “Não é certo pensar que a pessoa irá se defender só por ter uma arma em casa.

Mas a probabilidade de ela tê-la, por si só, já assusta. O maior medo do ladrão, por pior que ele seja, é o de que a pessoa roubada reaja. Se o povo for desarmado, o ladrão terá certeza e tranquilidade para roubar e sair feliz da vida”. O estudante cita os moradores do bairro Cristo Rei, em São Leopoldo, que conseguiram diminuir o índice de assaltos por terem reagido. “Claro que corremos riscos ao reagir, mas a chance de haver um grau de

defesa no local diminui a probabilidade de alguém entrar na comunidade para causar algum dano”, analisa.

Por outro lado, Jeferson sabe os riscos que representa ter uma arma de fogo em casa, principalmente em relação às crianças. Ele afirma que não gosta de armas nem tem vontade de comprar uma. “Se eu for assaltado, entrego minhas coisas e fico feliz se sair vivo”.

Um mundo paranóico

Alexandre Belló, 26 anos, é aluno do curso de Ciências Sociais da Unisinos, mora em Canoas, e é a favor do desarmamento. “Estamos vivendo em um mundo paranóico em relação à violência, um mundo de guerras, no qual a arma se coloca acima dos diálogos, e onde dizem que o cidadão de bem anda armado. Isso não é verdade. O cidadão de bem tem que ser respeitoso, ter uma vida digna, sem armas”.

Alexandre lembra que muitos assaltos em que há reação acabam em morte ou danos para a vítima. Belló defende uma cultura de paz:

“Temos que começar a dar o exemplo indo às escolas e ensinando por meio da

música, da arte, com informações sobre a paz. Não é com o armamento que resolveremos o problema da violência”. O estudante sente a necessidade de barrar o comércio das armas: “Ele é ilegal porque há uma legalidade. As pessoas compram uma arma e depois fazem o que quiserem com ela. Normalmente, os bandidos adquirem a arma de quem a comprou legalmente”.

Se fosse aprovada a lei do desarmamento, a sociedade teria mais visão para as políticas sociais a serem desenvolvidas, crê Belló. “Violência se combate com alternativas para se ter uma vida digna”.

“Nunca usei e nem compraria uma arma”

Patrícia Salvagni, de 19 anos, aluna do curso de Nutrição da Unisinos, reside em Garibaldi e já decidiu seu voto no referendo: não ao desarmamento. “Os bandidos, os que realmente teriam que se desarmar, não entregarão suas armas, e as pessoas vão ficar mais indefesas ainda”. Para Patrícia, “o governo está tentando,

com essa iniciativa, reduzir a violência no País”. Ela, no entanto, faz questão de salientar que ouviu “falar que o governo tem medo que a população se revolte contra ele”: “Não sei se é verdade”. Patrícia ri quando perguntada se já usou uma arma. “Nunca usei e nem compraria uma arma. Não teria coragem”.

“A última coisa que eu compraria seria uma arma”

Rodrigo Machado, 26 anos, estuda Jornalismo na Unisinos, mora em São Leopoldo e é a favor do desarmamento.

Ao considerar que a questão envolve a indústria bélica, logo, muito dinheiro, ele se pergunta: “Por que não investir esse dinheiro e essa tecnologia para produzir coisas boas, em vez de produzir armas, algo feito para matar. Esse lance de dizer que é para se defender não existe. Isso não é defesa, é tirar uma vida”.

Rodrigo lamenta que algumas pessoas pensem que é preciso matar os pobres para que haja um equilíbrio social. “Se cada um quiser ter uma arma para se

defender, isso aqui vai virar faroeste, vai ser a lei do mais forte e do mais rápido. Se uma pessoa da elite dá um tiro em alguém, ela tem advogado, tem suporte financeiro para conseguir se livrar. Se é uma pessoa pobre que dá um tiro em alguém vai direto para o presídio central”. Para o estudante, usar arma é demonstração de covardia, de falso poder. Ele acredita que o governo propôs esse referendo em função das estatísticas que mostram os números da violência no País. “A última coisa que eu compraria seria uma arma. Prefiro comprar um computador”.

Armas de fogo não servem para defesa

Eugênio Cechin, 64 anos, professor nas Ciências Humanas da Unisinos, morador de Porto Alegre, concorda plenamente com o desarmamento, *in totum*, com coração e razão”. O professor prega não apenas a não comercialização de armas, como a proibição cabal de sua fabricação. “Para que é fabricada uma arma, um revólver, uma pistola? Para matar seres humanos, de preferência! Ora, a simples natureza da arma e a finalidade para qual é fabricada já é uma aberração e uma perversão: ela cumpre sua função quando mata. Arma boa é a que mata mais eficientemente. Alguém consegue admitir isso em pleno século XXI? Num país civilizado?”

Cechin não acredita na teoria de que armas de fogo servem para defesa: “Nada contra as ‘armas’ de defesa: escudo, capacete, colete à prova de balas, muros, cercas, grades. É absolutamente diferente. Se pensam em defesa com armas mortíferas, vamos logo para a bomba atômica. Todos os países, estados e municípios deveriam tê-la. A Unisinos

deveria ter canhões em todos os cantos... De mais a mais, se é para se defender mesmo, revólver é pouco. Deveríamos poder ter AR-15, para ficar em pé de igualdade com os bandidos”.

O professor argumenta que a energia nuclear só deve ser usada para energia produtiva, o aço dos revólveres para fabricar utensílios produtivos e a pólvora para fogos de artifício. “Tenho alicates e chaves-de-fenda da Taurus. Por que a fábrica não se dedica só a produzir instrumentos úteis? Como é que se sente o operário da fábrica ao dar acabamento a uma pistola que passa por suas mãos sabendo que está contribuindo para a morte? Ah! Mas fabricar pistolas dá mais dinheiro”.

Mais razões para votar sim

Sobre o argumento de que os bandidos terão armas e o cidadão não, Cechin se pergunta: “Então vamos abastecer os bandidos com mais armas ainda que irão roubar dos cidadãos?”. Ele continua afirmando que “pouco se viu o cidadão

comum ter salvo sua vida por portar um revólver. O contrário é o que se dá: em 90% dos casos, ele morre do seu próprio veneno (ele ou seus familiares)". Eugênio sabe que é preciso desarmar os bandidos, mas não acrescentando mais armas na praça, para ele, verdadeiro chamarisco, a arma que o bandido mais procura para roubar. Cechin levanta outro aspecto que não compreende: "Como é que ainda não inventaram uma arma que apenas imobiliza a pessoa, sem matá-la? (Como aquelas usadas para capturar animais selvagens). Não há tecnologia para isso? O que estão fazendo os técnicos, engenheiros, cientistas? Só querem sangue? Esta sim, seria uma arma de defesa, perfeitamente defensável..."

Contexto do referendo

Para Eugênio, o menor resultado com a aprovação da lei do desarmamento seria

diminuir as mortes cruentas de seres humanos, senão a curto, a médio prazo. "Por simples estatística: muitas armas = muitas mortes; menos armas = menos mortes". Na opinião do professor, o objetivo do governo ao propor esse referendo é pura demagogia. "Gasto de bilhões inutilmente, para beneficiar as empresas fornecedoras dos equipamentos de votação, TVs, políticos, etc.". Cechin tem a convicção de que, quando uma pessoa compra uma arma para se defender, na verdade a vontade é de matar os bandidos que aparecerem pela frente, "desafiar a bandidagem para verem o que é bom para a tosse. Duvido que alguém tenha intenções meramente defensivas ao adquirir uma arma de fogo! Ora, um colete à prova de balas seria muito mais eficiente!".

Entrevistas

"Olho por olho torna o mundo cego" (M. Gandhi)

Entrevista com Desmond Tutu



A afirmação é do arcebispo sul-africano da Igreja Anglicana, Desmond Tutu, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**, enquanto voltava do Brasil rumo a Cape Town, de navio. A frase que cita, de Gandhi, é emblemática, e junto do exemplo do Oriente Médio, demonstra que a "a desforra não trouxe a paz". Na África do Sul, "a reconciliação e o perdão ajudaram a trazer a paz", ao contrário do banho de sangue que era esperado. Outras vias para alcançar a paz, explica Tutu, são a erradicação das "condições que tornam o povo desesperado", bem como a criação de um "sistema econômico internacional mais equitativo".

Em 1984, Desmond Tutu recebeu o Prêmio Nobel da Paz em função de sua firme posição *antiapartheid*, a política oficial de segregação racial na África do Sul, seu país de origem. É teólogo e recebeu o título de doutor *honoris causa* de universidades dos Estados Unidos, Reino Unido e Alemanha. Foi o primeiro negro

a ser nomeado deão da catedral de Santa Maria, em Johannesburgo. Em 1996, presidiu a Comissão de Reconciliação e Verdade, destinada a promover a integração racial na África do Sul após a extinção do *apartheid*. Tutu esteve no Brasil em setembro deste ano, quando se manifestou a favor do Estatuto do Desarmamento.

***IHU On-Line* - Acredita que a proposta de desarmamento para o Brasil contribuirá para diminuir o problema da violência?**

Desmond Tutu – O Brasil precisa ser marcado de maneira especial como sendo talvez o primeiro país a tentar fazê-lo seriamente. Se não há pedras, como pode alguém usá-las para arremessá-las em alguém? Se os brasileiros, como esperamos, aprovam a lei do desarmamento, eles terão removido a fonte mais mortífera de violência. Em nosso país, 40 mil foram mortos com armas num só ano. Se as pessoas estivessem portando armas, não teria havido essas mortes.

***IHU On-Line* - O medo instilado entre os povos parece ser um dos propulsores da indústria bélica. De que modo essa cultura pode ser revertida?**

Desmond Tutu – Normalmente, tememos o que não conhecemos, o alienígena, o estrangeiro, e facilmente criamos estereótipos daqueles que não conhecemos. Todos os indianos, negros ou o que quer que sejam (os que são estrangeiros e desconhecidos) são, na maioria, pessoas de quem não gostamos, e isso nos capacita a discriminá-los e mesmo maltratá-los e possivelmente matá-los. Nós deveríamos remover as barreiras que separam as pessoas e tentar conhecer o quanto conseguirmos do outro e, assim, podermos nos opor àqueles que querem maltratá-los, ou desprezá-los, ou odiá-los.

***IHU On-Line* - O direito de defesa é a justificativa dos defensores da continuidade da venda de armamento. Qual é seu**

posicionamento filosófico sobre essa questão?

Desmond Tutu - Sim, nós temos o direito de defender-nos, bem como as pessoas que amamos, mas as armas atualmente não nos tornam mais seguros. De vez em quando, as pessoas são mortas com suas próprias armas, e alguns acidentes horríveis acontecem quando, por exemplo, uma criança pensa que a arma de fogo é um brinquedo e alveja, ferindo, ou mata a si mesma ou outra pessoa. Porém, mais seriamente, se pensamos que a vingança é o melhor caminho, lembremo-nos de Mahatma Gandhi dizendo: “Olho por olho torna o mundo cego”. A vingança apenas inicia uma espiral sem fim. Basta ver o que está hoje acontecendo no Oriente Médio. A desforra não trouxe a paz. A reconciliação e o perdão ajudaram a trazer paz na África do Sul, onde muitos esperavam um banho de sangue entre negros e brancos. Sem perdão não há futuro.

***IHU On-Line* - Como percebe a atuação de países do Primeiro Mundo que se propõem a implantar a paz à força nas nações, sobretudo do Oriente Médio?**

Desmond Tutu - Descobrimos na África do Sul que a paz, a liberdade e a segurança não chegam pelo cano de uma arma de fogo. Elas chegam quando há justiça.

***IHU On-Line* - Como foi a sua atuação contra o *apartheid* na África do Sul, que resultou no Prêmio Nobel da Paz, conferido ao senhor em 1984?**

Desmond Tutu - Os negros foram brutalmente oprimidos por um sistema vicioso, o *apartheid*, onde o governo detinha as pessoas e as torturava; eles assassinaram outros ou removeram muitos matando-os e

queimando-os secretamente. Muitos de nossos líderes estiveram no cárcere (como Nelson Mandela), enquanto outros foram exilados (como Thabo Mbeki). Nossos movimentos de libertação (O Congresso Nacional Africano ou o Congresso Pan-Africano) estiveram engajados na luta armada. Nós usamos concepções não-violentas e solicitamos ao mundo impor sanções econômicas no regime do *apartheid* e, eventualmente, fomos bem sucedidos porque a comunidade internacional nos apoiou.

***IHU On-Line* - Qual é a relação que vê entre racismo, violência e paz em nossa época?**

Desmond Tutu - Onde há injustiça e opressão (e o racismo é uma forma de injustiça e opressão), você pode estar seguro que não haverá paz. Um Papa declarou: “Se você quer paz, trabalhe pela justiça”.

***IHU On-Line* - O que a realidade sul-africana teria a ensinar para o Brasil, prestes a votar o Referendo do Desarmamento?**

Desmond Tutu - O que parece impossível é atualmente possível. Muitos pensaram que a África do Sul seria sufocada pela catástrofe

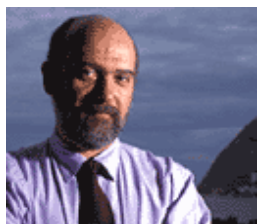
do banho de sangue racial, que parecia ser o único fim após tanta brutalidade. Mas as piores expectativas não se cumpriram. Nós agora estamos livres e relativamente pacíficos há onze anos. O aparentemente impossível pode ser alcançado. Um basta à violência armada!

***IHU On-Line* - Quais são os aspectos que devem estar presentes na busca pela paz nas sociedades globalizadas?**

Desmond Tutu - Precisamos erradicar as condições que tornam o povo desesperado. Precisamos ter um sistema econômico internacional mais equitativo. Precisamos erradicar a pobreza, a doença e a ignorância. Não ganharemos a guerra contra o assim chamado terrorismo, enquanto houver condições em muitos países do mundo que encham o povo com desespero e o forcem a desencadear atos desesperados. Como podemos continuar obscenamente a gastar tanto dinheiro para produzir instrumentos de morte e destruição, quando uma fração muito pequena de nossos orçamentos de defesa poderia assegurar que as pessoas, em qualquer ponto do mundo, tivessem água potável, suficiente alimento, uma casa decente e um meio ambiente seguro e suficiente cuidado da saúde e educação?

"O ovo da serpente está sendo gestado no Sul"

Entrevista com Luiz Eduardo Soares



A afirmação de Luiz Eduardo Soares refere-se ao tráfico de drogas armado, que cresce no Rio Grande do Sul, "ainda que numa escala diminuta" se comparado ao Rio de Janeiro. À questão do tráfico é discutida no livro *Cabeça de Porco*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005, escrito por Soares, pelo *rapper* MV Bill e pelo empresário Celso Athayde. Sobre o Estatuto do Desarmamento, Soares acredita que ele "é ruim para criminosos e bom para a cidadania". A entrevista que segue foi

concedida por e-mail, no período em que ministrava diversas palestras sobre segurança em Porto Alegre.

Luiz Eduardo Soares atuou como subsecretário de segurança do Rio de Janeiro no governo de Anthony Garotinho. Deixou o cargo sob ameaças e perseguição. De parceiro do governador na implantação de um novo programa de segurança pública, acabou exilado nos Estados Unidos após denunciar a "banda podre" da polícia fluminense. O livro *Meu casaco de general: 500 dias no front da segurança pública do Rio de Janeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, conta essa história. Escreveu, ainda, *Pluralismo cultural, identidade e globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2001, sua publicação mais recente, e *Violência e política no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

Assessorou a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Segurança Urbana de Porto Alegre na última gestão do PT. Graduado em Português-Literatura - Licenciatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, é mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ. Doutorou-se em Ciência Política pelo IUPERJ com a tese, publicada em livro, *A invenção do sujeito universal: Hobbes e a política como experiência dramática do sentido*. Campinas: Unicamp, 1995. É pós-doutor em Filosofia Política pelas Universidades de Virgínia e Pittsburgh. Foi pesquisador do Departamento de Antropologia Social e, em 1975, do Departamento de Sociologia do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento - Ibrades, vinculado ao Centro João XXIII. Foi professor visitante do Departamento de Ciência Política da Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque, EUA, professor do Conjunto de Antropologia do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP - e fundador e primeiro coordenador do Núcleo de Pesquisas sobre Violência do Instituto de Estudos da Religião (ISER) em 1991, onde desenvolveu várias pesquisas até janeiro de 1995. Atuou como coordenador da Pós-Graduação em Ciências Sociais e da Área de Ciência Política/Departamento de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde é professor, e no Instituto Universitário de Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (IUPERJ). Militou no Partido Comunista Brasileiro de 1977 a 1981.

IHU On-Line - Em entrevista à revista Trip, o ex-presidente da

Taurus, Carlos Murgel, afirmou que o Estatuto do Desarmamento "é

uma lei boa para bandidos". O que o senhor pensa dessa afirmação?

Luiz Soares – Essa afirmação representa um erro de análise, que, por coincidência, expressa o interesse econômico do autor da avaliação equivocada. Mas coincidências acontecem. Na verdade, o Estatuto é ruim para criminosos e bom para a cidadania. De fato, ficará ainda melhor se o referendo aprovar a lei que proíbe a comercialização de armas de fogo e munições. O Estatuto tem, entre outros méritos, a virtude de impor ordem ao caos das informações sobre as armas produzidas e em circulação no País. Sem esta organização de dados, nenhuma política pode ser posta em prática para coibir o tráfico de armas, entre outras funções decisivas e urgentes. Vou votar sim, pela proibição do comércio de armas, por quatro razões: (1) pelo menos um terço das armas que hoje estão com criminosos tem origem legal e foram roubadas, furtadas ou negociadas ilegalmente, depois de terem sido compradas, legalmente. Com a proibição do comércio de armas de fogo e munição, reduziremos o estoque de armas em circulação e, portanto, imporemos uma restrição ao fluxo que alimenta parte significativa do circuito criminoso. (2) Segundo os dados disponíveis, pelo menos 8 mil homicídios dolosos (aproximadamente 20% do total verificado no Brasil, todos os anos) têm causas "fúteis", isto é, não são perpetrados por criminosos de carreira, mas por cidadãos que perdem a cabeça numa situação passional extrema. Essas explosões emocionais só se convertem em tragédias, com desfechos fatais, porque há uma arma de fogo acessível. Se reduzirmos esta disponibilidade, restringiremos a oportunidade para esse tipo de crime, tão importante, no conjunto. A violência doméstica letal está incluída neste universo. (3) A disponibilidade de arma aumenta, significativamente, o risco de acidentes graves ou mesmo letais. A cada dia, três crianças são hospitalizadas com ferimentos a bala, duas por acidente; uma por agressão intencional. (4) Quem supõe que se protege, possuindo ou portando uma arma, engana-se.

Estudos nacionais e internacionais comprovam que, probabilisticamente, quem está armada está mais vulnerável à violência mais intensa. Com a proibição do comércio de armas e munição, será menor o número daqueles que se enganam e pensam proteger-se, armando-se, quando, em o fazendo, mais se expõem.

IHU On-Line – Que relações poderia estabelecer entre segurança pública e armamento no Rio de Janeiro e em Porto Alegre?

Luiz Soares – Hoje, as semelhanças são mais importantes do que as diferenças, porque as características essenciais da violência carioca já estão presentes em Porto Alegre, ainda que numa escala diminuta. Apesar das distinções, o ovo da serpente está sendo gestado no sul, como demonstra o livro **Cabeça de Porco** - que escrevi com MV Bill e Celso Athayde. O tráfico de drogas, armado, recrutando jovens vulneráveis e impondo seu poder arbitrário sobre as vilas já é uma realidade. Uma triste realidade. Por outro lado, ainda não estão em curso políticas de segurança efetivas, muito menos políticas preventivas, capazes de reduzir o problema. Quanto às armas, as quantidades são bastante diferentes, mas elas já constituem o vetor mais preocupante, também em Porto Alegre. O tráfico de drogas é que financia as armas, mas devemos recordar que se as drogas fossem vendidas sem armas, teríamos um caso grave de saúde pública, mas não a barbárie da insegurança. As armas é que fazem a diferença negativa -ainda que esses aspectos não possam ser dissociados, na prática.

IHU On-Line - Qual o destino que deve ser dado às armas apreendidas?

Luiz Soares – Para evitar desvios, elas devem ser imediatamente destruídas. Já vimos o que acontece com seu prolongado acautelamento. Roubos que as colocam, novamente, em circulação. Aliás, isso acontece até com dinheiro acautelado na PF, como ocorreu há pouco.

IHU On-Line - Quais são os maiores problemas relacionados à segurança pública no Rio Grande do Sul hoje?

Luiz Soares – Há vários, mas a matriz mais grave, sobretudo da criminalidade letal, é o tráfico, porque vem crescendo, alimentando-se dos jovens sem perspectivas e esperança, com auto-estima devastada, que acabam recrutados e são tratados como peças de reposição. Mortos, são logo substituídos, e a dinâmica se reproduz. Não adianta combater a dinâmica, sem desarmar o gatilho que a reproduz e que é o recrutamento de jovens vulneráveis, o qual, por sua vez, só acontece porque certas condições materiais e intersubjetivas estão dadas.

IHU On-Line - Como avalia o envolvimento da polícia com o crime no Brasil?

Luiz Soares – Este é um dos problemas mais sérios e desafiadores. Somente uma profunda reforma das instituições da ordem será capaz de reduzir a desordem que assolou grande parte delas, em vários estados, sobretudo no Rio de Janeiro. São necessários mecanismos de controle externo, como ouvidorias, com participação popular, combinados com - mas independentes - os mecanismos de controle interno. Além disso, será preciso implementar uma radical reengenharia da gestão, reestruturando-se a estrutura organizacional de ambas as polícias e as integrando, mesmo que permaneçam separadas, por determinação constitucional. A reengenharia deve envolver mudanças na formação e capacitação; na coleta, no processamento, na análise e na distribuição de dados; na esfera do trabalho preventivo; na área fundamental da perícia; e na administração, a qual deve orientar-se pelo tríptico diagnóstico-planejamento-avaliação, para que se possa agir com inteligência e prospectivamente, ao invés de apenas correr atrás do leite derramado, e para que se possam identificar os erros e corrigi-los, via monitoramento permanente, libertando as polícias do ciclo vicioso que as faz escravas

dos erros. Nessas mudanças, os policiais devem participar, assim como a sociedade - sem demagogias e populismos, é claro.

IHU On-Line - Como foi realmente seu trabalho e sua saída na Coordenação de Segurança, Justiça, Defesa Civil e Cidadania do Rio de Janeiro?

Luiz Soares – É uma longa história. Não por acaso, escrevi um livro de 500 páginas sobre essa experiência, chamado *Meu Casaco de General* (editora Companhia das Letras, 2000). Em resumo, implantei, com a equipe, várias reformas: Delegacia Legal; Áreas Integradas de Segurança (AISPs); Conselhos Comunitários nas AISPs; Mutirão pela Paz (policiamento comunitário nas favelas, acompanhado de políticas sociais); Reforma da Perícia; Ouvidoria das Polícias; Programa de Proteção às Testemunhas; Movimento pelo Desarmamento; Política de defesa das mulheres; Centros de Referência contra a Homofobia, contra o Racismo, de Defesa do Meio-Ambiente; convênios com a UFF e a UERJ, visando à qualificação dos policiais; Complementação da escolaridade dos policiais, com implantação de projetos de educação à distância nos batalhões, etc, etc... Nosso trabalho, que durou 500 dias, produziu os melhores resultados na área da segurança, no estado do Rio de Janeiro, nos últimos 15 anos - estavam longe de serem bons resultados, claro, mas eram os menos maus do período referido. Entretanto, a resistência de grupos criminosos infiltrados nas polícias foi enorme, ameaçando desestabilizar o governo do estado, o qual, acuado, resolveu recuar para evitar riscos. Ao invés de combater esses grupos de maus policiais - a chamada banda podre -, o governo resolveu tentar cooptá-los, para submetê-los à linha política do Estado, como usualmente se faz. Na prática, esses grupos não são cooptáveis - eles acabam predominando e degradando as instituições. Não aceitei essa orientação política e fui exonerado, em condições traumáticas, o que me obrigou a passar um ano fora do País.

"Reeducar para criar uma cultura de paz"

Entrevista com Allan Krahn



Allan Ervin Krahn é pastor luterano e atua na Escola Superior de Teologia (EST) desde 1985. Hoje é o coordenador da Biblioteca da EST e atua na Organização Não-Governamental (ONG) *Serpaz*. É membro da American Theological Library Association e da Rede Latino-Americana de Informação Teológica, onde serve como um dos coordenadores latino-americanos. Foi pastor na Grace Lutheran Church, Three Lakes, WI, EUA e bibliotecário de sistemas no Luther Seminary e no Minnesota Consortium of Theological Schools. É graduado em Línguas Clássicas pela Universidade de Wisconsin, Estados Unidos, mestre em Divindade pelo Seminário Concórdia, em Saint Louis e em Artes e Biblioteconomia pela Universidade de Minnesota. Ele respondeu às perguntas da entrevista realizada pela **IHU On-Line** por e-mail e destacou que usar armas em legítima defesa "dá certo no cinema, mas, na realidade, mais vezes, somente aumenta a tragédia com a pessoa assaltada levando a pior".

IHU On-Line - O que o desarmamento vai mudar na vida do cidadão comum brasileiro?

Allan Krahn - No primeiro momento, a maioria das pessoas sentirá pouca mudança nas suas vidas no dia-a-dia. A maioria não tem arma em casa. Verificando, porém, o que aconteceu em outros países, que passaram por um processo semelhante, nós teremos uma queda no número de mortes por armas de fogo. Por exemplo, na Austrália, o número total de mortes por arma de fogo caiu de 521 para 299 (queda de 43%) entre 1996 e 2002; no Canadá, a taxa de homicídios com arma de fogo caiu 35% desde 1991.

Com o tempo, baixará o número de armas circulando entre o povo e, com isso, diminuirá a violência com armas de fogo. De fato, conforme estudos em São Paulo e Rio de Janeiro, pelo Ministério de Saúde, já foi registrada uma redução de internações por lesões com armas de fogo de 10,5% no Rio de Janeiro e 7% em São Paulo. Mas, isso não acontece somente com a proibição da

comercialização e venda de armas de fogo e munições. A lei de desarmamento inclui muito mais do que a proibição da venda de armas. Ela dá mais força para a polícia. A lei fala claramente sobre quem pode ter uma arma (posse) e quem pode carregar (porte) uma arma, e quem viola esta lei recebe uma punição forte e, quando a violação envolve porte ilegal, detenção garantida. As munições serão marcadas e controladas.

Ainda assim, a lei não é uma solução total, mas um passo para ter uma sociedade menos violenta, mais tranquila e mais humana. É como a lei de trânsito que exige o uso de cinto de segurança. Esta lei não solucionou o problema de acidentes nas estradas, mas salvou e está salvando vidas. Depois deste referendo nós, cidadãos e cidadãs, precisamos continuar a lutar para uma sociedade com mais paz, por uma cultura de paz. Temos que proteger nossas fronteiras melhor e trabalhar para diminuir o tráfico de armas e munições. A polícia precisa ser mais bem treinada, mais bem equipada e paga. A corrupção policial deve ser eliminada. O sistema de justiça

precisa funcionar com mais eficiência. Precisamos reduzir as causas de uma grande parte da violência – a injusta distribuição de riquezas (uma das piores do mundo), a exclusão social e desemprego crônico, entre outras. Com tudo isso, uma das coisas mais importantes é que nós teremos que nos desarmar internamente. Necessitamos de um desarmamento do espírito. Nossa cultura, similar à estadunidense, é uma cultura que não lida bem com armas. Nós nos matamos em números muito maiores do que a maioria dos outros países. Temos que nos reeducar para criar uma cultura de paz onde a violência não é mais vista como uma maneira de resolver nossos conflitos e problemas.

IHU On-Line - Quais são as ações a que a ONG Serpaz se propõe especificamente sobre o desarmamento?

Allan Krahn - Serpaz, com duas igrejas em São Leopoldo, montou postos de coleta de armas em junho deste ano. Lá oferecemos um lugar neutro onde pessoas podiam trazer suas armas para serem entregues à polícia para destruição. Lá também as armas podiam ser marretadas garantindo que elas não seriam desviadas para o tráfico ilícito.

Agora estamos participando no Comitê Gaúcho pelo Desarmamento e estamos formando, com outras entidades, o Comitê Leopoldense Brasil sem Armas. Estes comitês querem fomentar e participar em debates, bem como fazer campanha em favor do “Sim” para desarmamento no referendo. Os debates são importantes não somente para apoiar o Sim no referendo, mas também para trazer a questão de armas e violência para o público. Este referendo é uma oportunidade para todas e todos nós pensarmos juntos na segurança e na violência. Cada semana, escolas e outros grupos estão fazendo passeatas pela paz em nossa cidade. O desejo de mudar a situação violenta é forte. Com este referendo, temos a oportunidade de dialogar e agir em prol da paz.

A lei, ainda sendo importante, é somente um passo. Serpaz também está trabalhando com programas de educação para a paz. Estamos

trabalhando com professores, estudantes e outras pessoas para encontrar maneiras não-violentas de lidar com o conflito. Nossa idéia não é de evitar conflito ou fingir que ele não existe. Temos que desenvolver habilidades de lidar com o conflito. O conflito, em si, não é mau ou negativo. Ele pode criar crescimento, aprendizagem e até mais união de pessoas, se for bem administrado. O uso de violência, seja com armas, seja com punhos, não resolve o conflito, somente o abafa no momento e gera mais violência no futuro. Para ter paz, temos que eliminar exclusão e injustiça, criando inclusão e comunidade. Por isso, para a Serpaz, este referendo sobre desarmamento é somente um passo a fim de dar espaço para a reeducação de todas e todos nós para uma sociedade e cultura de paz.

IHU On-Line - Quais os principais argumentos usados por aqueles que são contra o desarmamento que o senhor mais gostaria de esclarecer?

Allan Krahn - Eu quero mencionar dois argumentos. Um, que a arma dá proteção, dá segurança. A principal força do argumento está na própria situação de violência onde vivemos. E nisso, não discordo. A situação está fora de controle. O problema é verdadeiro, mas temos que perguntar se a solução de ter uma arma para proteção realmente dará segurança. Ter arma em casa, pronta para uso rápido, cria perigo de acidentes. No Brasil, duas crianças são feridas por tiros acidentais todos os dias. [Datasus, 2002] Ter arma em casa aumenta as chances que uma briga doméstica ou de vizinho terminará em fatalidade. Além disso, o uso de arma em legítima defesa dá certo no cinema, mas, na realidade, somente aumenta a tragédia com a pessoa assaltada levando o pior. Deve ser mencionado também que um terço das armas ilegais usadas em crimes são roubadas de pessoas que as compraram legalmente. A arma de proteção vira contra a gente. Existe também a moral. Posso tirar a vida de alguém para proteger meus bens, pensando moralmente? Posso tirar uma vida para proteger uma televisão? Isso nem é olho

por olho. Temos muitas maneiras de ampliar nossa segurança que funcionam melhor e respeitam a vida de todas as pessoas.

Um outro argumento usado é que a lei desarma o cidadão de bem e deixa o bandido mais livre. A maioria dos artigos da Lei de Desarmamento dá meios à polícia para aprimorar o combate ao tráfico ilícito de armas e para desarmar os criminosos. A lei estabelece melhor controle de informação, integrando as bases de dados de polícia e o Exército. As novas armas e munições são marcadas para controlar o desvio delas. A lei quer desarmar todas as pessoas, o cidadão e o criminoso, deixando as armas somente para quem precisa, como a polícia, o exército, as empresas de segurança, as pessoas nas áreas rurais, que provarem necessidade, etc.

***IHU On-Line* - Como situa o direito de defesa do cidadão que entregar suas armas?**

Allan Krahn - O cidadão/ã tem todo direito de segurança. Como falei acima quem não tem arma tem menos chance de morrer de arma de fogo do que quem tem. Alguns pensam que se o bandido souber que se não tiver arma, ele vai me atacá-lo facilmente. Ele saberá que seria um roubo sem perigo. Não seria o contrário? Se um ladrão souber que a

pessoa tem arma em casa, ele achará que vale mais a pena roubá-la. Uma arma é dinheiro na mão. É fácil e seguro vender, e também é a ferramenta de trabalho do bandido. Falei com um comerciante que já foi assaltado várias vezes, e ele disse que a primeira pergunta do ladrão foi “cadê a arma?”. Ter arma não é uma solução adequada. É assunto para todas as nossas comunidades e deve ser trabalhado coletivamente.

***IHU On-Line* - Deseja acrescentar algum aspecto que não foi abordado?**

Allan Krahn - Seja qual for o resultado do referendo, o debate democrático sobre esta questão importante para a vida de todos e todas nós é importante. Depois do referendo, temos que nos unir cada vez mais na luta por um país menos violento. Temos que lutar, todos e todas juntos contra a criminalidade, seja esta feita por arma de fogo ou por roubos políticos milionários do dinheiro público, dinheiro este que se destinaria para melhorar a qualidade de vida de todo o povo, que diminuiria a violência e que agora está sendo desviado para bolsos particulares, tirando recursos do povo, causando assim cada vez mais violência.

A paz e a violência se aprendem

Entrevista com Lúcio Jorge Hammes



Para o filósofo e teólogo Lúcio Jorge Hammes, integrante da Organização Não-Governamental (ONG) *Educadores para Paz*, é possível ensinar a paz ou a violência. “Na educação para a paz costumamos chamar a atenção para o tipo de paz que queremos: não uma paz que aliena ou que constrói cercas e exclusões, mas uma paz identificada com a ação não-violenta, buscando superar a injustiça social e todo o tipo de violência”. Segundo Hammes, “A educação para a paz exige testemunho e compromisso concreto com a paz, não uma paz futura, mas vivenciada”.

Hammes é graduado em Filosofia e Teologia, mestre em Teologia Sistemática e doutor em Educação pela Unisinos com a tese *Aprendizados de convivência e a formação de capital social: um estudo sobre grupos juvenis*. Atua, também, como pesquisador do grupo de Estudos de Paz, vinculado à PUCRS, com experiência e pesquisas ligadas às temáticas do protagonismo juvenil e educação para a paz. Confira a entrevista que Lúcio Hammes concedeu à **IHU On-Line**, por e-mail.

IHU On-Line - Educar para a paz numa sociedade armada é possível?

Lúcio Hammes – Inicialmente, gostaria de dizer que a educação para a paz tem valor em si. Ela é necessária para a formação de uma sociedade capaz de aceitar o diferente e valorizar as diversas formas de ser e agir para o crescimento de todos. Nesse sentido, educar para a paz se coloca como condição imprescindível para a vivência harmônica entre os humanos. Nós aprendemos a viver em paz, pois ninguém nasce violento ou pacífico, como também ninguém tem tendência natural (biológica) para a violência ou para a paz. Ou seja, a educação para a paz seria necessária, mesmo se todas as pessoas já vivessem em paz...

A educação para a paz exige testemunho e compromisso concreto com a paz, não uma paz futura, mas vivenciada como aconselhava Gandhi: “Não há caminho para a paz, a paz é o caminho”. Educar para a paz numa sociedade armada é muito complicado, pois este ambiente (com um currículo bélico) parece ser mais adequado para formar pessoas violentas, usando suas armas contra os adversários, irmãos, esposa

e filhos. No entanto – a esperança ensina – apesar do ambiente bélico, ainda há os que apreendem a ser pacifistas e ensinam a viver em paz. Nessa perspectiva, é possível perceber que, mesmo em comunidades onde a violência armada e os traficantes de drogas oferecem aos jovens uma renda imediata, ainda há os que optam pela paz.

IHU On-Line –Quais são os principais fundamentos para defender o desarmamento?

Lúcio Hammes - A busca da verdade sobre as consequências da venda de armas de fogo e munição no Brasil está exigindo aprofundamentos, pois há muita desinformação e, especialmente, deturpação dos dados. Parece que há interesses pessoais que se sobrepõem ao interesse público, preocupados com o lucro, mesmo a custo de muitas vidas e da formação de pessoas sempre mais violentas. A coerência e a responsabilidade exigem a superação de afirmações ingênuas, interesseiras ou preconceituosas. E, como já constatou Hannah Arendt¹, um dos maiores expoentes

¹ Hannah Arendt (1906-1975), filósofa e socióloga alemã, de origem judaica, nasceu em Hannover

da filosofia política do século XX, em seu trabalho *Sobre Violência*, urge uma reflexão sistemática sobre a violência e seu papel nos negócios humanos, indicando o quanto a violência e sua arbitrariedade são consideradas corriqueiras.²

Tanto a filosofia quanto a teologia acompanham a história da humanidade, buscando compreendê-la em sua relação mais ampla. Ambas indicam caminhos para a convivência e a superação das estruturas que desumanizam as pessoas; apontam para a democracia, para uma ética mundial, para a ação comunicativa. Atualmente, vem crescendo a compreensão de que o Estado deve prover a segurança pública e oferecer condições para os cidadãos aprenderem a viver em paz. Supera-se o princípio da autotutela. Já não é mais possível imaginar as relações sociais numa cidade em que todos estão armados, preocupados com a autodefesa.

(Alemanha). Foi influenciada por Husserl, Heidegger e Karl Yaspers. Em consequência das perseguições nazistas, em 1941, partiu para os EUA, onde escreveu grande parte das suas obras. Lecionou nas principais universidades deste país. Propôs, em uma distinção inusitada, que os termos labor, trabalho e ação fossem entendidos como diferentes formas de atividades fundamentais do ser humano, sendo aquele vinculado às necessidades biológicas, o intermediário ao artificialismo da vida moderna e esta às relações entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria. Sua filosofia assenta numa crítica à sociedade de massas e à sua tendência para atomizar os indivíduos. Preconiza um regresso a uma concepção política separada da esfera econômica, tendo como modelo de inspiração a antiga cidade grega. Entre suas obras, citamos: *Eichmann em Jerusalém - Uma reportagem sobre a banalidade do mal*. Lisboa: Tenacitas. 2004; *O Sistema Totalitário*. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 1978; *O Conceito de Amor em Santo Agostinho*. Lisboa: Instituto Piaget; *A Vida do Espírito*. v.I. Pensar. Lisboa: Instituto Piaget; *Sobre a Revolução*. Lisboa: Relógio D'Água; *Compreensão Política e o Futuro e Outros Ensaios*. Lisboa: Relógio D'Água (edição da Perspectiva, 2002). (Nota da IHU On-Line)

² ARENDT, Hannah, *Sobre Violência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p.16. (Nota do entrevistado)

Esse entendimento exige um compromisso ético ou uma ação militante. O referendo pela venda (sim ou não) de armas de fogo e munição no Brasil pode ser um momento decisivo para contribuir com a formação de uma sociedade pautada em princípios de paz, e não de violência. Claro que outras ações devem acompanhar esses princípios, como a questão da segurança pública, a educação, o emprego... Ainda se investe demais em ações de guerra e pouco em ações de paz. A Campanha da Fraternidade de 2005 já mostrou que, para cada dólar gasto pela ONU em missões de paz, o mundo investe 2 mil dólares em guerra; em 1997, foram gastos 740 bilhões de dólares em armas (1,4 milhão de dólares por minuto) e, em 2003, esses gastos chegaram a 960 bilhões de dólares (mais de 30 mil dólares por segundo). Eu penso que é hora de redimensionar os esforços para construir uma cultura de paz.

IHU On-Line - Em caso do "sim" receber a maioria de votos em 23 de outubro, o que esse resultado tem a ensinar às gerações jovens? E no caso contrário?

Lúcio Hammes - O resultado, pelo SIM ou pelo NÃO, terá um significado real e simbólico fundamental. A vitória do SIM pode indicar caminhos para a formação de um Estado moderno que protege seus cidadãos; acelerar o processo da construção de uma cultura de paz com as condições para ensinar e aprender a paz. Se o NÃO ganhar e as armas e munições continuarem sendo vendidas, o ambiente para o florescimento da cultura da paz ficará prejudicado. Contudo, o referendo tem um valor especial pelo debate que provoca. Nós acreditamos na paz como um processo e uma construção (movimento) que se faz com a participação de todos. Há um movimento que se instala e que não concorda mais com as situações de

violência, com as estruturas injustas ou com qualquer outra expressão de violência. Claro que esta cultura vai se instalando aos poucos, com as novas formas de relacionamento entre as pessoas, superando preconceitos e construindo novas estruturas de convivência humana.

IHU On-Line - Acredita que exista uma relação direta entre os homicídios por armas de fogo no Brasil e o problema da venda de armas? Que outros elementos têm relação direta com os homicídios cometidos por armas de fogo?

Lúcio Hammes - O acesso às pesquisas permite perceber que a proliferação de armas de fogo e munições é um agravante da violência, levando, muitas vezes, à morte. Como há facilidade para o acesso às armas, conflitos banais (entre torcidas, vizinhos, casais ou irmãos), muitas vezes, são resolvidos à bala. A pesquisa da Secretaria de Segurança de São Paulo mostra que entre as mortes por arma de fogo apenas 10% são resultantes de latrocínio. Além da proibição da venda de

armas e munição é imprescindível a busca de saídas para a segurança pública (hoje caótica) e a formação de pessoas para viver em uma cultura de paz.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto que não foi abordado?

Lúcio Hammes - Gostaria de insistir que “a paz e a violência se aprendem” e que “a paz e a violência se ensinam”. Nesse sentido, é possível superar preconceitos e estereótipos que ainda povoam as consciências. Todos podem aprender a ser pacíficos, como também, podem aprender a serem violentos. E estes aprendizagens acontecem na escola, na rua, no trabalho, assistindo à televisão... Por isso, o ambiente é importante: se há valorização da individualidade e da comunidade, com espaço e condições para que todos participem, na igualdade de oportunidades, me parece que há solo fértil para o desenvolvimento de uma cultura da paz.

“Sim” ajudará a reduzir homicídios

Entrevista com Carlos Sant’Ana

A informação é de Carlos Sant’Ana, secretário municipal de Segurança Pública de São Leopoldo, na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**. Segundo ele, mesmo que “complexos e multifacetados”, além de exigirem tempo para serem resolvidos, os problemas causados pela violência e criminalidade precisam ser superados. Nesse aspecto, o “sim” à proibição da venda de armas e munições tem papel fundamental.



Sant’Ana é graduado em Direito e Jornalismo, ambos os cursos realizados na Unisinos. Atuou como delegado de Polícia em diversos municípios gaúchos, foi chefe de gabinete do chefe de polícia em 2000 e 2001, ao mesmo tempo em que respondeu pelo Serviço de Informações Especiais (SIE) da Polícia Civil. Entre 2000 e 2002 lecionou a disciplina de Direito Penal no curso de Formação Básica para

Servidores da Segurança Pública. Atuou, em 2002, como diretor do Departamento de Inteligência e Assuntos Estratégicos (DIAE) da Secretaria da Justiça e da Segurança do Rio Grande do Sul. Em 2003 foi coordenador-geral de Planejamento Estratégico em Segurança Pública, Programas e Projetos Especiais da Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP) do Ministério da Justiça. Foi Delegado Regional da 17ª Região Policial, que inclui oito municípios, em 2004.

IHU On-Line- De acordo com as estatísticas, quatro pessoas morrem, no Brasil, por hora em função das armas de fogo. Qual a situação do Vale do Sinos?

Carlos Sant`Ana- Não disponho de informações precisas para transpor as estatísticas nacionais para nossa região. Podemos, entretanto, falar sobre os homicídios em São Leopoldo. Segundo dados da Agência de Integração e Desenvolvimento da Unisinos, em 2000 foram mortas 47 pessoas neste município. Em 2001, foram 51 homicídios, em 2002, 58 e, em 2003, 70. Sem sombra de dúvida, a esmagadora maioria dessas mortes ocorreu pelo uso de armas de fogo. Advém, então, o Estatuto do Desarmamento (Lei nº 10.826 de 22 de dezembro de 2003), autorizando a entrega voluntária de armas. São Leopoldo é uma das cidades cuja população mais participa da campanha. Em 2004, o número de homicídios caiu para 54 e este ano, segundo a Polícia Civil, são 40 mortes até o momento, o que prenuncia a manutenção do mesmo índice ou até mesmo a redução. Entretanto, a entrega voluntária é insuficiente. Segundo o Observatório de Violências e Agravos na Área da Saúde da Secretaria Municipal da Saúde, somente nos últimos 70 dias, foram medicadas, no Hospital Centenário, 40 pessoas feridas por disparos de arma de fogo, uma a cada dois dias. Desse total, cinco morreram. Por certo, ainda há muito a ser feito.

IHU On-Line- É possível traçar um perfil dos portadores de armas de fogo em nossa região?

Carlos Sant`Ana- Novamente temos o problema da quantificação, o que a Secretaria Municipal de Segurança Pública está buscando sanar com parcerias com a Unisinos

na área de pesquisa, estatística e diagnósticos. No caso dos portadores de armas de fogo, essa limitação é nacional. Em pesquisa publicada este ano e intitulada *Posse de Armas de Fogo no Brasil: Mapeamento das Armas e Seus Proprietários*, Pablo Dreyfus e Marcelo de Souza Nascimento³ enumeram as dificuldades para esse tipo de levantamento, cujos obstáculos vão desde a subnotificação das estatísticas sobre armas até a falta de comunicação entre autoridades para a coleta e análise de dados. Mas para não deixar sem resposta a pergunta, algumas conclusões desse estudo em âmbito nacional: estima-se em 5.568.621 o número de armas de fogo civis (não estatais) registradas no Brasil; no Rio Grande do Sul, calcula-se a existência de 1.271.558 armas lícitas e ilícitas na posse de pessoas físicas e jurídicas (no Brasil seriam 14.061.478 armas); estima-se cientificamente que o total de armas de fogo no Brasil alcance a impressionante marca de 17.010.941 unidades, consideradas apenas as armas de pequeno porte!

IHU On-Line- Acredita que se for aprovado, o referendo a favor do desarmamento contribuirá para diminuir a violência armada no Brasil?

Carlos Sant`Ana- Sim. Nos exatos termos da pergunta, acredito que haverá uma “contribuição” para a redução da violência “armada” no País. Os problemas causados pela violência e pela criminalidade são complexos e multifacetados. Somente a solução de uma de suas principais causas, a desigualdade social, demanda o trabalho de gerações. Nem por isso vamos desistir de buscar meios de superação do problema, e um

³ A pesquisa pode ser lida na íntegra no site www.desarme.org. (Nota da IHU On-Line)

deles é, sem dúvida, a redução do número de armas no País. Para atingir esse objetivo é imprescindível dizer “sim” à proibição da venda de armas e munições. Com isso, haverá o refluxo imediato do número de homicídios, uma das formas mais graves de violência. Reduzir a violência letal significa, obviamente, salvar vidas. Outras formas de violência talvez não sofram o mesmo impacto. Para isso são fundamentais iniciativas como o trabalho de prevenção social à criminalidade e à violência, o comprometimento de todos os agentes públicos (federais, estaduais e municipais) com o tema, a existência de expressivo financiamento para projetos de prevenção, o aparelhamento e qualificação das atividades policiais, etc. Em resumo: segundo o Ministério da Saúde, 2004 foi o primeiro ano desde 1992 a mostrar um decréscimo no número de óbitos por arma de fogo. Foram 3.234 mortes a menos que 2003, uma redução de 8,2%, efeito direto da entrega voluntária de armas viabilizada pelo Estatuto do Desarmamento.

IHU On-Line- O que pensa sobre o argumento de que aqueles que cometem crimes continuarão de posse de suas armas enquanto o resto da população entrega suas armas?

Carlos Sant`Ana- Há um equívoco imenso em acreditar que somente “bandidos” – assim conceituadas popularmente as pessoas cruéis, sem caráter, que costumeiramente praticam atos de violência – são responsáveis pela criminalidade, mormente a violência letal. O chamado “cidadão de bem” também está sujeito a eventual prática delituosa, particularmente o ato de matar alguém. As estatísticas comprovam que a grande maioria da violência letal (cerca de 90%) constitui-se de homicídios dolosos, restando, em segundo plano, os latrocínios (que, de regra, são praticados por delinquentes contumazes), abortos, infanticídios, suicídios (casos graves de violência não tipificados na legislação penal) e participação, lesões corporais

seguidas de morte (onde o resultado fatal não é desejado) e os crimes letais culposos. Nesse contexto, ressalte-se que o homicídio é praticado geralmente em condições que autor e vítima se conhecem e mantêm relação anterior (vizinhança, parentesco, amizade ou inimizade). São conflitos que surgem de discussões banais e evoluem para confrontos que, sem a presença da arma de fogo, em raríssimos casos, teriam desfecho na morte. É justamente a “população de bem” que se envolve nessas ocorrências e diariamente vidas são marcadas indelevelmente por esses fatos. Quanto aos delinquentes, cabe à polícia desarmá-los. A drástica redução da circulação de armas na sociedade produzirá também uma queda no armamento da delinquência, pois o mercado legal abastece o ilegal. Armas licitamente comercializadas alimentam o crime como consequência de furtos, roubos, extravios e desvios. Há ainda o chamado “efeito bumerangue” em que uma arma é comercializada legalmente para o exterior e retorna clandestinamente ao País. Esse problema não terá solução no referendo, mas pressupõe o reforço das instituições públicas para que realizem efetiva repressão ao contrabando e fiscalizem com eficiência e eficácia o tráfico de armas nas fronteiras.

IHU On-Line- Como percebe a indústria armamentista em relação ao Referendo do dia 23?

Carlos Sant`Ana- Um problema social derivado de eventual desemprego causado pela proibição do comércio de armas talvez seja o argumento mais racional contra o desarmamento, mas nem por isso deve prevalecer. Segundo dados da Comissão de Valores Mobiliários, divulgado pelo Instituto *Sou da Paz* de São Paulo, a empresa Taurus destina 65% de sua produção de armas e munições à exportação, 12% para as agências de segurança pública e 23% para o mercado civil. No caso da Companhia Brasileira de Cartuchos (CBC), esses percentuais são de 47%, 26% e 27%, respectivamente. O impacto do referendo reside somente no consumo do mercado civil. Além disso, a indústria armamentista fabrica também outros

equipamentos, como coletes balísticos e ferramentas. Segundo a mesma fonte, apenas 41% da produção da Taurus referem-se a armas. O Sou da Paz também disponibiliza números sobre a produção de toda a indústria brasileira de armas. Estatísticas do IBGE com base no ano de 2002 informam que 6.442 pessoas laboram na indústria armamentista, ou 0,02% dos empregos formais brasileiros, trabalhando apenas 12% desse total diretamente na produção de armas (0,0042% da mão-de-obra brasileira). As armas e

munições respondem por 0,048% dos 29% que a indústria representa na economia do País. Ainda que mínimo, devemos ter preocupação com um eventual problema social e providenciar investimentos para solucioná-lo. O que não será difícil: o sistema público de saúde brasileiro gasta anualmente entre 130 e 140 milhões de reais para tratar dos feridos por armas de fogo. Não me atrevo sequer a discutir o custo de uma vida. Reduzindo as armas, reduziremos as vítimas e esses custos.

Quanto mais pessoas armadas, maior será a segurança

Entrevista com Jair Pedro Bertol

Jair Pedro Bertol é sócio-proprietário da loja Pointer Armas, de São Leopoldo. Ele conversou com a redação da revista **IHU On-Line** por telefone na última semana, falando sobre seu posicionamento como lojista de armas e munições em relação ao referendo do desarmamento.

IHU On-Line – O senhor concorda ou não com a lei do desarmamento?

Pedro Bertol– Não, eu não concordo. Sou totalmente contra. Acredito que os principais motivos dessa lei ainda não foram bem esclarecidos. Todas as pessoas que trabalham com segurança, os próprios policiais e delegados, sabem que desarmando a pessoa de bem, ou impedindo que ela compre arma, não é caminho para impedir que os crimes aconteçam. Existem teorias, mas não se sabe, com certeza, quem tem muito interesse de que o Brasil se desarme e quem vai lucrar com isso no futuro. O grande problema é que as pessoas que estão promovendo o desarmamento trabalham dentro de um gabinete, são senadores e deputados, que têm um aparato de segurança muito grande, e que não precisam se preocupar com a própria segurança. Então, eles acabam ditando

leis e gastando muito dinheiro nesse referendo que acaba não cumprindo seu objetivo.

IHU On-Line – O senhor acha que as pessoas têm condições de se defenderem melhor com uma arma em casa?

Pedro Bertol– Aqui temos que expor diversas situações. Existem casos em que um delinqüente está forçando uma porta. Se a pessoa que estiver dentro da casa pegar uma arma e atirar, ela pode defender a vida e a segurança de toda a família, ou pelo menos afugentar o delinqüente. Se não tiver nada, fica complicado. Se essa lei for realmente aprovada, não adianta nada a pessoa gritar por ajuda ao vizinho. Ele também não poderá fazer nada, porque também não tem arma. A pessoa só vai poder ligar para o 190. Só que a polícia demora aproximadamente de 10 a 20 minutos

para vir. Em uma situação dessas, 5 minutos é o suficiente para acontecer muita coisa. As pessoas que promovem o desarmamento vivem em um mundo idealizado, no qual eu também gostaria de viver: onde todos seriam bonzinhos, onde o delinquente teria um emprego. Só que isso não existe, nossa realidade é diferente.

IHU On-Line – Como vê a lei do desarmamento, na condição de lojista e comerciante?

Pedro Bertol– Como comerciante me sinto desestimulado para fazer um trabalho que tem uma procura grande. Tenho sofrido bastante pela diminuição das vendas. Mas como cidadão me sinto traído, porque o governo não me dá segurança. Eu trabalho às vezes até as 22 horas. Como eu, cidadão comum, vou fazer para ir para casa a essa hora? Estarei muito mais desprotegido do que agora.

IHU On-Line – Como funciona o Clube de Tiro e o que pode acontecer, se for aprovada a lei do desarmamento?

Pedro Bertol– Os associados do Clube de Tiro são protegidos pelo Estatuto do Porte Legal de Armas, como registrados com certificado legal do Ministério do Exército. Eles podem comprar suas armas e munições e poderão continuar praticando. A esses associados, a lei não vai atingir. O Clube de Tiro continua. As pessoas que atiravam, vão continuar atirando.

IHU On-Line – Qual o perfil do seu cliente?

Pedro Bertol– Hoje, para uma pessoa comprar arma, ela tem que passar por exame psicotécnico, com psicólogos credenciados pela Polícia Federal. Além disso, precisa passar por um exame de tiro muito rigoroso, estudar uma cartilha

teórica sobre segurança, sobre o funcionamento e as características da arma. No exame prático, a pessoa realiza 20 disparos, sob pressão, com tempo estipulado. Toda a ficha corrida da pessoa é analisada.

IHU On-Line – Que tipo de arma é mais procurada?

Pedro Bertol– São pistolas. Isso porque os marginais andam com armas mais pesadas, então precisamos de armas um pouco mais fortes para tentar ficar com poder de fogo parecido.

IHU On-Line – Quais os reflexos em sua loja em consequência da proximidade do referendo?

Pedro Bertol– Hoje temos uma procura muito grande de munição. Se for realmente aprovado o plebiscito do dia 23 de outubro, as pessoas não poderão mais comprar armas e munição. Então elas estão estocando munição em casa, porque sabem que poderão não ter mais. Não estamos mais vendendo armas, por enquanto, porque poderá não ficar pronta a documentação até o referendo. Temos como alternativa os equipamentos para aventura, para acampamento, pesca. A loja existe há 14 anos e, desde 1997, não trabalhamos mais exclusivamente com armas e munições.

IHU On-Line – O senhor tem uma arma? Já a usou em alguma ocasião?

Pedro Bertol– Eu tenho um revólver. Nunca foi necessário usá-lo, porque existe uma prevenção muito grande. Quando a pessoa porta arma, ela fica mais atenta e acaba afugentando o delinquente. Há situações em que poderia se usar arma. Porém, só quem usa sabe do problema que é disparar contra uma outra pessoa, principalmente na parte jurídica.

Os rumos da paz em nossas mãos

Por Joana Fontoura

Confira o artigo de autoria da socióloga e mestranda em Relações Internacionais na Universidade Federal Fluminense (UFF), responsável pelo Projeto Desarmamento na Fundação Konrad Adenauer.



No dia 23 de outubro de 2005, os cidadãos brasileiros serão chamados a votar um referendo cuja pergunta será: “O comércio de armas de fogo e munições deve ser proibido no Brasil?” No entanto, o referendo em si não é um ponto final na busca por uma sociedade mais pacífica. É mais um passo em direção à cultura de paz e aos meios não-violentos de resolução de conflitos. Na sociedade brasileira, é muito presente a cultura da vingança onde o machismo, muitas vezes, prevalece ao diálogo. Esta Campanha pelo Desarmamento que teve início em dezembro de 2003, no fundo, é uma convocação à valorização da vida, pois o número de homicídios causados por arma de fogo é muito grande. Neste referendo, o alvo mais imediato é a redução dos chamados crimes interpessoais, que são cometidos em momentos de fortes emoções, e pela facilidade de se ter armas de fogo. A proibição da comercialização das armas e munições para os cidadãos de bem reduziria principalmente estes crimes que representam 65% dos crimes cometidos por armas de fogo. A redução da violência, em âmbito mais amplo, é um processo que pode e deve começar com este referendo. É necessário, portanto, frisar que somos todos

responsáveis pela iniciativa de cultivar a paz.

A educação pela paz deve ser incentivada e valorizada, uma vez que entendermos o valor da vida e do diálogo. Uma arma de fogo exclui qualquer possibilidade de diálogo, pois há um poder agregado ao indivíduo que carrega uma arma. O símbolo e o *status*, que a arma de fogo tem, devem ser trabalhados no imaginário das crianças, desde cedo. Armas de brinquedo não devem ser dadas de presentes para que o uso delas não se torne “normal”. Assim como jogos de videogame violentos devem ser evitados. A construção de uma nova cultura requer vontade, portanto o papel de cada indivíduo e principalmente o papel da família é de educar para esta mudança de paradigma, pois será tanto um processo individual quanto coletivo.

Situação brasileira é singular

A situação brasileira é singular porque em nenhum país do mundo a população foi convocada a decidir sobre o destino da comercialização de armas de fogo e munição, logo esta consulta popular representa um avanço em nossa democracia que deve ser valorizado. Cada um de nós, brasileiros, terá o poder de

mudar, desarmando primeiro os seus corações. A noção de que ter uma arma traz segurança não é verdadeira, pois quem tem arma de fogo tem 3,8% mais chance de morrer dela do que de Aids. Estatísticas da Unesco, em seu estudo *Vidas Pougadas*, revela que, desde 2003, com a aprovação do Estatuto do Desarmamento, o índice de mortes por arma de fogo diminuiu 15% no ano de 2004. Esta redução é significativa. Então mantemos a esperança de que com o SI M sendo vitorioso no dia 23 de outubro, a violência diminua.

Com a globalização tendo se acentuado nos últimos anos, as notícias circulam com maior facilidade no mundo, portanto acredito que fique mais fácil o conhecimento das atrocidades cometidas em alguns países e até mesmo a movimentação para evitar conflitos existentes. Com isso, a comunidade internacional ganhou força para chamar a atenção para uma convivência mais humana, mais solidária e menos violenta. Inclusive outras experiências em países

como a Austrália e a África do Sul iniciativas de redução das armas com a entrega voluntária de armas representaram diminuição nas taxas de homicídios causados por arma de fogo. Consideramos importante as especificidades de cada país, logo, muitas vezes, as comparações não são adequadas, já que cada sociedade tem um funcionamento diferente.

Em relação ao contrabando, costumamos dizer que, quando não há demanda, não há lugar para o mercado paralelo. Então, com a educação pela paz, com a cultura de paz nós, sociedade civil, podemos enfrentar este problema, diminuindo a demanda por armas. O controle institucional cabe às polícias, mas nós temos um papel importante na disseminação de meios não-violentos de resolução de conflitos.

Por essas razões, a posição da Fundação Konrad Adenauer é pelo SIM no dia 23 de outubro, estimulando a democracia e o poder do povo de decisão de um futuro melhor para o Brasil!



Brasil em foco

Olhares sobre a conjuntura atual brasileira

A vida pela vida. A transposição do Rio São Francisco em debate.

A greve de fome do Frei Dom Luís Flávio Cappio, bispo diocesano de Barra, na Bahia, completava cinco dias na quinta-feira passada, quando **IHU On-Line** entrevistou um de seus colaboradores próximos, Roberto Malvezzi. Em Cabrobó, Pernambuco – região onde o governo Lula pretende construir uma das tomadas de água para a transposição do Rio São Francisco –, em uma capela no Interior, Dom Luís espera uma reação. Com seu gesto extremo, o bispo pretende convencer o governo federal a rever a decisão de implantar o projeto de transposição.

O coordenador da Comissão Pastoral da Terra, Roberto Malvezzi, que mora na região, conversou ontem por telefone com a **IHU On-Line** sobre a situação do São Francisco, a luta de Dom Luís e a reação do governo a tudo isso. E lembrou: "Há meses ele pensava em tomar uma atitude mais séria. Não sabíamos qual."

Confira a seguir a íntegra da entrevista, publicada originalmente no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, na editoria **Notícias Diárias**, neste 30 de setembro.

IHU On-Line – Qual é a situação do São Francisco hoje? E a das populações ribeirinhas?

Roberto Malvezzi – A situação do rio é de segregação total. É um rio que, hoje, tem apenas 5% de suas matas ciliares, que o protegem, que ficam em volta do São Francisco e são áreas de preservação ambiental permanente. É um rio assoreado, porque todas as areias e dejetos são carregados para dentro do rio. É um rio também contaminado porque todos os esgotos, praticamente 90% dos esgotos das cidades do Vale do São Francisco são despejados *in natura*. É um rio cortado por barragens, o que impactou a pesca e a agricultura tradicionais das ilhas e das vazantes. É ainda contaminado por garimpos e, sobretudo, é vítima de todo o processo de erosão dos solos por conta das monoculturas do agronegócio, instaladas principalmente no oeste baiano. Quem sofre o impacto é a população do São Francisco, que depende de seu rio. Mudou o regime das águas, o regime da fertilização dos solos, que não acontece mais por conta das barragens, mudou a abundância de peixes. Isso trouxe um transtorno permanente para uma população que não consegue mais achar o rumo de sua vida.

IHU On-Line – A CNBB publicou uma nota na quarta-feira em apoio a Dom Luís. Isso era esperado?

Roberto Malvezzi – Estive na quarta-feira na CNBB, falando sobre o projeto de transposição e sobre Frei Luís.

Acredito que a atitude da CNBB tenha sido a mais sábia possível. Sabe que é um gesto extremado, mas o acolhe e o respeita. É uma atitude evangélica. Achei a carta perfeita, a mais adequada para um momento como este.

IHU On-Line – O que é o projeto de transposição e qual a diferença para o projeto de revitalização proposto por Dom Luís?

Roberto Malvezzi – Revitalização significa recuperar o rio, devolver vida ao São Francisco, tratar os esgotos, desassorear, retomar matas ciliares, recuperar sua fauna, sua flora e seus peixes para que não seja apenas um canal de água, mas um rio. É um processo caro e lento. Derruba-se uma árvore em 30 segundos. Plantá-las leva dez, 20, 30 anos, e muito dinheiro. Mas é inevitável e necessário, porque o processo chegou a esse ponto. Transposição é levar água de uma bacia hidrográfica para outra, para as bacias receptoras do nordeste setentrional. Esse processo também é caro, e em vários lugares do mundo houve problemas sérios. O desvio de águas do Rio Colorado, nos Estados Unidos, fez com que o rio secasse 100km na sua foz, na área mexicana no rio. Houve experiências que deram certo. O problema não é que dê certo. O problema é que o semi-árido como um todo precisa de um projeto de desenvolvimento completo e o governo, em vez de pensar nisso, fica mais preocupado em fazer uma obra como essa.

IHU On-Line – O que significa uma pessoa importante como Dom Luís tomar uma atitude extrema como essa?

Roberto Malvezzi – O que está acontecendo é o resultado da forma como o governo conduziu o processo até agora, de forma unilateral. Subestimou a população do São Francisco e ignorou a gravidade da situação do rio. Não houve diálogo com o governo. Nunca se abriu a possibilidade de discutir o caminho do semi-árido. Diante da falta de diálogo com o governo, frei Luís radicalizou sua posição. O governo está entre o ruim e o péssimo. Ruim será recuar, tentar outro caminho agora. Péssimo será prosseguir. Isso porque frei Luís irá até o fim. Se ele vier a morrer, todo mundo sabe o que isso significa no imaginário popular do Nordeste.

IHU On-Line – E o que isso significa?

Roberto Malvezzi – No imaginário do Nordeste brasileiro, quando você começa uma obra ou algum projeto em cima da morte de uma pessoa respeitada ou até considerada santa pelo povo, o que vem na sequência é uma maldição. É preciso entender o imaginário do povo também.

IHU On-Line – A quais interesses serve o projeto de transposição?

Roberto Malvezzi – Serve aos interesses da oligarquia nordestina dos estados do Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte, das empreiteiras que vão fazer os canais, das corporações técnicas que estão assessorando estes projetos, dos irrigantes que querem produzir frutas com

essa água e exportá-las e também aos criadores de camarão em cativeiro.

IHU On-Line – Esperava-se do governo Lula uma atitude assim?

Roberto Malvezzi – Desde o começo ficou claro que Lula quer terminar seu governo fazendo uma grande obra. Ele escolheu a transposição do São Francisco para isso. Só que ele pode deixar para a história uma obra com a pior das imagens.

IHU On-Line – Como está a reação à greve de fome de Dom Luís?

Roberto Malvezzi – A reação é nacional, rápida e muito surpreendente. Estão sendo organizadas manifestações no Brasil inteiro para o dia 4 de outubro. Há uma grande preocupação dentro do governo com o desfecho do caso. Frei Luís criou um fato político como queria criar. Agora temos de ver o desdobramento disso.

IHU On-Line – O governo já demonstrou algum sinal de reação?

Roberto Malvezzi – O governo deve mandar hoje (ontem) um emissário até ele com uma carta do presidente Lula. Pelo que sabemos, o conteúdo da carta é que Lula quer ouvi-lo. Agora temos de ver qual será o conteúdo da carta e qual será a reação dele. Acredito que se o governo suspender a transposição, ele deve aceitar. Caso contrário, ele não deve levar em consideração. Essa decisão está muito amadurecida e ele não pretende parar isso por qualquer coisa.

Bispo diz que "entrega a vida" se Lula não recuar de projeto



Publicamos a seguir a entrevista originalmente concedida à **Folha de São Paulo**, em 2-10-05, sobre a greve de fome do bispo de Barra, Luiz Flávio Cappio, em protesto ao projeto de transposição do Rio São Francisco. Confira:

Em greve de fome há uma semana em protesto contra a transposição das águas do rio São Francisco, o bispo de Barra (a 610 km de Salvador, BA), Luiz Flávio Cappio, 58, disse, no sábado, dia 1-10-05, ainda esperar que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva revogue o projeto e "coloque o povo nordestino acima dos interesses do capital." Cappio reafirmou sua disposição de manter o protesto até a morte. Disse que o governo deveria investir em pequenas obras de abastecimento e que ainda torce pelo "bom senso" de Lula.

Paulista de Guaratinguetá, Cappio se instalou em uma capela a 200 metros do rio São Francisco, em Cabrobó (a 600 km de Recife, PE), município do sertão pernambucano onde será feita a captação da água para a transposição.

Folha - Por que

o protesto?

Luiz Flávio Cappio - Há 12 anos lutamos em defesa do rio São Francisco e do seu povo. Quando percebemos que todos os argumentos de razão não foram suficientes para demover o governo de realizar o projeto de transposição, achamos por bem assumir uma postura mais radical. Quem sabe o que não conseguimos pela razão, atingiremos pelo coração.

Folha - Por que o senhor é contra a transposição?

Cappio - Estamos empenhados para que seja levado a efeito o projeto de revitalização. O projeto de transposição carece de transparência, de verdade. Se quisessem resolver o problema de água para os pobres, já teriam resolvido por

onde o rio passa. E, a 500 metros das suas margens, o povo não tem água. Esse projeto inaugura no Brasil o hidronegócio. É para beneficiar os grandes empresários, a criação de camarão, as grandes empresas de irrigação.

Folha - O que deveria ser feito?

Cappio - Incentivar e investir em todas as ações que ajudam de fato a levar água para os pobres, que são os pequenos projetos de cisternas, açudes, aproveitar a água da chuva, do subsolo. Existem ações muito mais econômicas que resolvem o problema.

Folha - O que levou o Presidente Lula a encampar esse projeto?

Cappio - Não saberia dizer e não gostaria de entrar nesse mérito. Quero apenas fazer essa solicitação ao

presidente: que ele repense, porque é uma obra que vai demandar recursos imensos que poderiam ser aplicados em outros tipos de obras muito mais próximas da realidade do povo.

Folha - O senhor acha possível que seu gesto mude o projeto?

Cappio - Eu estou fazendo a minha parte. A gente sente que a sociedade brasileira está respondendo de uma maneira muito bonita, muito solidária. Temos percebido que, em seis dias, conseguimos mais mobilização popular do que em oito anos de luta.

Folha - Até que ponto o senhor vai conduzir a greve de fome?

Cappio -- Até que eu receba um documento assinado pelo presidente revogando o projeto.

Folha - O senhor ainda acha possível o recuo do Presidente?

Cappio - Acredito que eles estão vivendo um momento muito difícil no Planalto, porque esse gesto os pegou de surpresa. Eu posso imaginar o conflito que isso gerou. Mas espero pelo bom senso e que ele [Lula] coloque o povo acima dos interesses do capital.

Folha - E se o Presidente não mudar de opinião?

Cappio - Se o Presidente não mudar seu pensamento, então a gente entrega a vida.

No mistifório do São Francisco

Reproduzimos, a seguir, o artigo de Washington Novaes, jornalista, publicado dia 30-9-05, no jornal *O Estado de S. Paulo*.

"Se faltasse alguma coisa para tornar ainda mais grave o mistifório em que se transformou o projeto de transposição das águas do Rio São Francisco para o Nordeste setentrional, não falta mais. Desde o começo desta semana, o bispo de Barra (BA), frei Luiz Flávio Cappio, declarou-se em greve de fome - "até a morte" - contra a aprovação de outorga ao projeto pela Agência Nacional de Águas (ANA) e o anunciado início das obras. E só a suspenderá se um documento assinado pelo presidente da República se comprometer a mudar os rumos. O bispo, que já tem apoio da Comissão Pastoral da Terra, entende que o projeto não atende às necessidades das populações mais pobres do Nordeste. Seu gesto já está sendo comparado aos de Chico Mendes e da freira Dorothy Stang.

A Agência Nacional de Águas esta semana concedeu direito de outorga por 20 anos ao Ministério da Integração Nacional, para executar o projeto de transposição para bacias do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Poderão ser bombeados 26,4 metros cúbicos por segundo continuamente, que poderão chegar a 114,3 m³, dependendo da vazão do rio em Sobradinho.

Surpreende a decisão da ANA, já que o Ibama fizera 31 exigências ao Ministério da Integração ao conceder licença prévia ao projeto. E até hoje não foi respondida a maior parte dos questionamentos que têm sido levantados por numerosos especialistas nessa área:

- a desnecessidade da transposição (há água suficiente nas regiões que a receberão);
- o projeto não beneficia as comunidades isoladas, que são as vítimas da seca;
- a maior parte da água se destina à irrigação em grandes projetos, não às populações mais necessitadas; atender a essas populações custaria algumas vezes menos que transpor;
- grande parte dos solos a serem beneficiados pela irrigação é

inadequada ou sujeita a erosão; a maior parte da água irá para açudes onde o nível de evaporação e perda é muito alto; a água transposta será muito cara.

E várias outras.

Ainda assim, o diretor de Licenciamento do Ibama já anunciou que, em dez dias, será autorizado o início das obras (que depende de licença de instalação). Antecipa-se, portanto, a uma decisão do órgão - seguindo o exemplo da própria ministra do Meio Ambiente, que antes mesmo da licença prévia já anunciava seu apoio a um projeto que não fora autorizado pelo órgão a ela subordinado (onde ficou a autonomia técnica deste?).

Anuncia-se também que logo após a nova licença o Exército começará a construir os dois canais da transposição. Não se sabe se já foram atendidas também as exigências do Tribunal de Contas da União, que identificou problemas que estariam encarecendo a obra em R\$ 480 milhões. E uma decisão do Tribunal Regional Federal da 1ª Região condicionou essa licença de instalação ao cumprimento das exigências. Segundo a representante do Ministério Público no processo, seria necessário antes complementar o estudo de impacto ambiental (aceito pelo Ibama). E está ajuizada ação de improbidade administrativa contra o presidente do

Ibama, por haver concedido a licença prévia "sem observar as etapas do licenciamento". É difícil entender a obstinação do governo federal em seguir a qualquer preço com o projeto, sem atender ainda aos muitos questionamentos da área científica. No workshop sobre a transposição promovido pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) no Recife (10/4), por exemplo, mostrou-se:

- a captação média autorizada (65 m³ por segundo) não é de apenas de 1,4% da vazão do rio, como tem sido anunciado; pode chegar a 25% da disponibilidade, já que dos 360 m³/segundo disponíveis, 335 já estão outorgados;
- e a captação ainda pode chegar a 127m³/segundo (47% da disponibilidade total); a água transposta custará R\$ 0,11 por metro cúbico, algumas vezes mais que a disponível hoje nas áreas a serem beneficiadas.

Quem arcará com a diferença nos agronegócios beneficiados, que hoje pagam cinco vezes menos (R\$ 0,023 por metro cúbico)? Haverá subsídios cruzados, que encarecerão a conta de toda a sociedade? Também os mil participantes de recente (julho de 2005) congresso da Sociedade Brasileira de Limnologia (especialistas em águas interiores) enviaram carta ao ministro da Integração pedindo reavaliação dos impactos do projeto. Entre as questões ali levantadas está a desnecessidade de transposição para os Rios Apodi e Piranhas (RN) até 2020; e a situação "é semelhante em bacias do Ceará". Chama a atenção para os altos índices de evaporação (até 3.000 mm/ano) e infiltração a que estará sujeita a água transposta e considera "insuficiente" a base de dados sobre características e qualidade da água, que "não confere suporte para conclusões". Sugere o documento, por isso tudo, uma análise do projeto por especialistas contratados pelo Ibama, em vez de basear a licença "apenas nas avaliações precárias do EIA-Rima". Ainda assim, a ANA - que havia recentemente pedido informações sobre os

anunciados projetos de irrigação para agricultura familiar nas faixas marginais ao rio, que não constam do estudo, assim como sobre garantias para pagamento dos custos da água transposta - concedeu a outorga definitiva. Agora, enfrentam o Ministério da Integração, a ANA, o Ibama, o governo federal a perplexidade dos cidadãos e a disposição do bispo Luiz Flávio e de seus seguidores, que se dizem dispostos a ir até o fim, porque, "quando a razão se extingue, a loucura é o caminho". É assustador.

destaques da semana

livros da semana	pg. 35
artigos da semana	pg. 38
teologia pública	pg. 42
memória	pg. 52
deu nos jornais	pg. 55
frases da semana	pg. 56

Livros da Semana

DIAMOND, Jared. Colapso. Rio de Janeiro: Record, 2005.

Worldwatch Institute. Estado do Mundo 2005: relatório do Worldwatch Institute sobre o avanço em direção a uma sociedade sustentável. Salvador: Universidade Livre Da Mata Atlântica, 2005.

Reproduzimos o artigo a seguir, publicado no jornal *Valor*, de 30-9-05 de autoria de Robinson Borges, sobre o Livro *Colapso*, de Jared Diamond. O livro aborda diversos fenômenos como os furacões *Rita*, *Katrina* e *Ofélia*. Segundo o autor, se políticas ambientais não forem adotadas no curto prazo, faltarão nomes para batizar tantos desastres naturais.

A vingança da natureza

Por Robinson Borges

A cada nome de furacão que surge, a cada rosto anônimo exibido no meio das ruas inundadas da costa do Golfo, o livro americano *Colapso*, escrito pelo Prêmio Pulitzer Jared Diamond, se mostra mais atual do que nunca. Lançado no Brasil pela editora Record, o *best-seller* conta a história de civilizações que usaram mal seus recursos naturais e desprezaram os sinais de desgaste enviados pelo meio ambiente. O fim de todas essas sociedades justifica o título da publicação: *Colapso*. Diante desse desfecho, nunca é demais prestar atenção em todos os sinais de alerta. *Estado do Mundo 2005*, livro que o Worldwatch Institute (WWI) lançará na semana que vem, é mais uma advertência, que estabelece uma alarmante ponte entre a obra de Diamond e os dias de hoje.

Publicado pela principal organização na cruzada pelo desenvolvimento sustentável, o livro não tem o rigor estilístico de *Colapso*, mas traz dados precisos. Destaca que furacões, como o *Rita* e o *Katrina*, fazem parte de um processo de degradação

evolutivo. Em 25 anos, 12 mil desastres relacionados ao clima causaram 620 mil mortes e uma perda de US\$ 1,3 trilhão. Somente nos últimos dez anos, o prejuízo é estimado em US\$ 570 bilhões, excedendo o total das perdas ao longo do período de 1950 a 1989. E, nas duas últimas décadas, os danos financeiros anuais por causa de questões relacionadas ao clima cresceram 300%. Em 1980, a cifra era de US\$ 26 bilhões. No ano passado, o valor chegou a US\$ 104 bilhões. Somente o *Katrina* deve provocar um prejuízo de mais de US\$ 100 milhões.

Nas últimas décadas, aumentou ainda o número de furacões nas categorias quatro e cinco, as mais elevadas, em virtude do aquecimento da água - *Rita* e *Katrina*, em parte, podem ser explicados pela temperatura da água do Golfo do México a 32° C e pela elevação no nível do mar. De 1995 a 1999, um recorde de 33 furacões na região do Atlântico atingiu os EUA. Não é só. Pesquisa do Massachusetts Institute of Technology (MIT) diz que os ventos dos furacões aumentaram 50% em 50 anos.

"A catástrofe a que assistimos na costa do Golfo é um sinal para que os tomadores de decisão do mundo acordem. Se o globo

continuar o seu curso de destruição de terrenos alagadiços e a aumentar seu consumo de combustível fóssil, a nova geração poderá assistir a uma série de desastres naturais como o Katrina, ganhando escala no século XXI", diz o economista e biólogo americano Christopher Flavin, presidente do Worldwatch Institute. Flavin estará no Brasil na semana que vem para lançar o livro do WWI, na verdade, um relatório anual, publicado durante 24 anos consecutivos e traduzido para cerca de 30 idiomas.

Um dos maiores vilões da atualidade, quando o assunto é meio ambiente, é o presidente Bush, que tem se recusado a assinar acordos internacionais para a preservação do ecossistema, como o Protocolo de Kyoto. Em 2001, os EUA se retiraram das negociações, alegando que sua implementação prejudicaria a economia do país. Bush disse apenas ser favorável a reduções por meio de medidas voluntárias e novas tecnologias no campo energético. É muito pouco. O Protocolo de Kyoto, assinado por 141 países, estabelece metas para a redução de gases poluentes que, acredita-se, estejam ligados ao aquecimento global. Gases como o dióxido de carbono reteriam o calor na atmosfera, causando o chamado efeito estufa.

Caso não sejam tomadas medidas preventivas, o panorama para o futuro é catastrófico. Segundo Flavin, oponentes das ações de mudança climática, com seus recursos financeiros abundantes, adiaram a implementação dos limites para a emissão de dióxido de carbono em uma década. Essa decisão fez com que se aumentasse a emissão em 20% desde 1990. Outro dado assustador é que a queima de combustíveis fósseis, liderados pelo petróleo, liberou 160 bilhões de toneladas de carbono na atmosfera apenas nas últimas três décadas.

Para reverter o quadro, o WWI propõe pontos essenciais para se pensar o ambiente.

Manter a integridade do ecossistema tem de ser prioritário

O desenvolvimento econômico e as políticas de destruição ecológica conduziram comunidades a um nível de vulnerabilidade

perigoso. Esse contexto é agravado pelo rápido crescimento populacional nessas regiões, o que tem contribuído para as perdas econômicas por causa de catástrofes climáticas no mundo.

Evitar pensamento de curto-prazo

Durante os últimos anos, o governo americano desviou recursos de fundos de emergência em caso de desastres naturais para a guerra do Iraque, além de ter reduzido a proteção a terras alagadiças para incentivar o desenvolvimento econômico. Depois do Katrina e do Rita, o dinheiro ganho com as duas decisões anteriores não pagará as dívidas contraídas pelos dois furacões.

Promover a conexão entre a mudança climática e as catástrofes naturais

Apesar de tempestades não poderem ser definitivamente explicadas pela mudança de clima, cientistas concordam que o aquecimento da água é combustível para o aumento dessas tempestades. A temperatura da água e o nível do mar vão continuar aumentando, ampliando a vulnerabilidade de comunidades. O aquecimento global e a antecipação dos efeitos do ciclo hidrológico tornarão essas áreas mais frágeis ao poder das tempestades, inundações e secas.

Diversificar o suprimento de energia

O impacto econômico dos furacões está aumentando dia-a-dia, com consumidores ao redor do mundo pagando cada vez mais pelo combustível. Décadas de redução no investimento para se criar opções de novas fontes de energia levaram o mundo a ser dependente do petróleo e do gás natural que estão concentrados em algumas das regiões mais vulneráveis do planeta. A tragédia climática poderá ser evitada pela substituição do petróleo e do carvão, combustíveis fósseis, por fontes alternativas de energia renovável. É a melhor saída para romper a correia de transmissão do efeito estufa.

Efeito verde e amarelo

O Brasil pode ser um dos protagonistas nesta nova ordem natural. Com 16% das florestas e 21% de todas as espécies vegetais já identificadas no mundo, o país é essencial para a saúde biológica e ambiental. No desenvolvimento de energia renovável, tem a seu favor a experiência com uso de álcool como combustível automotivo. "O Brasil será a Arábia Saudita das energias renováveis", prevê Flavin.

Perspectivas econômicas existem. De acordo com o presidente do WWI, o mercado de energia renovável cresce em torno de 20% e 30% ao ano, e o preço das ações está em alta. Durante a década de 1990, a energia eólica aumentou a uma taxa de 26% ao ano, enquanto a energia solar elevou-se em 17% ao ano. No mesmo período, o petróleo cresceu apenas 1,4% ao ano. O problema é que energia eólica e solar atualmente geram 1% da energia mundial. "No longo prazo, a biomassa poderá ser responsável por 50% ou mais dos combustíveis líquidos do mundo", prevê Flavin.

Para que as fontes de energia renovável cresçam, o WWI avalia que novas leis

tenham de ser criadas e que a indústria seja estimulada a investir no segmento, justamente como a Alemanha fez com o vento, o Japão com o sol e o Brasil com o álcool. Mesmo sem grandes incentivos, empresas como General Electric, Dupont, Shell, Mitsubishi e Sharp estão entre as maiores companhias que ampliaram o negócio de energia renovável, totalizando investimento de US\$ 29 bilhões no ano passado.

"No Brasil, a Petrobras está se tornando agressiva em pesquisa de energia renovável", afirma Flavin. Para ele, ao expandir os investimentos nesse mercado, a Petrobras pode capitalizar uma melhoria de sua imagem como empresa de excelência em tecnologia. "Também estamos monitorando investimentos feitos pelos Estados de São Paulo e da Bahia", diz.

Apesar da polêmica que essas propostas do WWI podem suscitar em setores produtivos conservadores, elas soam como alternativa à máxima "a história se repete", fato que poderia render obra similar a *Colapso*, mas, desta vez, sobre uma certa civilização do século XXI.

Artigos da semana

Traduzimos e reproduzimos a seguir dois artigos sobre os furacões que vêm gerando milhares de vítimas. O primeiro é de autoria de Jeremy Rifkin, economista e ambientalista norte-americano, publicado no jornal *The Guardian* em 23-9-2005. Graduado em Economia e professor de Economia e Relações Internacionais de várias universidades estadunidenses, Jeremy Rifkin se define como um militante de esquerda. Atualmente, preside a Fundação de Tendências Econômicas, uma ONG que, em 2002, chegou a apresentar petições em 50 países contra as patentes das sementes transgênicas. Um de seus livros mais difundidos é *A era do acesso*. (São Paulo: Makron Books, 2001), juntamente com *A economia do hidrogênio. A criação de uma nova fonte de energia e a redistribuição do poder na terra*. São Paulo: Makron Books do Brasil, 2003. É sobre a temática desse livro que versa uma entrevista que publicamos no *IHU On-Line* n.º 67, de 7 de julho de 2003. Rifkin também é autor de vários livros sobre o impacto da ciência e da tecnologia na economia, na sociedade e no meio ambiente, como *O Fim dos Empregos* (1995); e *O século da biotecnologia* (1999); todos editados pela Makron Books, de São Paulo. Seu mais recente livro *O sonho europeu: como a visão européia do futuro está eclipsando o sonho americano*, lançado recentemente na Espanha, pelas Edições Paidós, é o tema de um artigo, escrito pelo autor, que reproduzimos na 115ª edição, de 13 de setembro de 2004. De Rifkin também publicamos um artigo na 103ª edição, de 31 de maio de 2004, sob o título "O princípio preventivo". O segundo artigo é de autoria de Michael McCarthy, editor de meio-ambiente do jornal *The Independent*, publicado no dia 23-9-2005.

Um basta às homilias de Bush

Por Jeremy Rifkin

Lastimo, Sr. Presidente, mas as homilias não vão frear os furacões.

Primeiro foi o rugido ensurdecedor, quando o Katrina avançou a 145 milhas por hora na costa do Golfo dos Estados Unidos. Depois, o lúgubre silêncio, quando Nova Orleans se transformou numa gigantesca cidade fantasma. Agora, um segundo furacão mortífero, Rita, está avançando para a costa do Texas com ventos assassinos, forçando a uma segunda evacuação em massa da população em menos de quatro semanas. E, enquanto mais e mais pessoas começam a ficar espantadas com o que está acontecendo com o clima, parece que todo o Washington oficial está tomando fôlego, deixando vir à tona o sujo segredinho de que Katrina e Rita são o anúncio entrópico das crescentes emissões de CO₂ e do aquecimento global.

Os cientistas nos admoestaram sobre isso durante anos. Diziam que dirigíssemos nossos olhares para o Caribe, onde os dramáticos efeitos da mudança climática são os primeiros a nos prevenir, na forma de furacões mais severos e até catastróficos.

Aquecimento dos oceanos: consequência da mudança de clima

Um novo informe científico, saído na semana passada em *Science Magazine* – um prestigioso jornal norte-americano –, dá novo ímpeto à conexão entre o aquecimento dos oceanos como consequência da mudança do clima e da crescente severidade dos furacões. Os cientistas relatam que o número de

furacões maiores – categorias quatro e cinco – quase dobrou nos últimos 35 anos. Tormentas tropicais, dizem os cientistas, colhem sua energia da água quente dos oceanos. Quando o aumento global da temperatura aquece os oceanos do planeta, cresce a intensidade dos furacões.

“Nós, norte-americanos, criamos estes temporais monstruosos”

Katrina e Rita, então, não são propriamente má sorte, surpresas ocasionais da natureza, atacando inesperadamente a humanidade. Isso não é mistério. Nós, norte-americanos, criamos estes temporais monstruosos. Sabíamos do potencial do impacto devastador do aquecimento global durante praticamente uma geração. No entanto, ligamos o acelerador, como quem diz: “Não vamos causar prejuízo” O que cada um esperava? Os SUVs (=carros com descarga superpotente) perfazem 52% de todos os veículos na América – cada um deles uma máquina mortífera, espalhando quantidades recordes de CO₂ na atmosfera terrestre.

O que os norte-americanos vão dizer?

Como vamos explicar para nossas crianças que os norte-americanos representam menos de 5% da população mundial, mas consomem mais do que um quarto da energia de combustível fóssil produzida a cada ano? Como vamos dizer aos aflitos parentes das vítimas do furacão que fomos demasiado egoístas em permitir até uma modesta taxa de cinco centavos de acréscimo em um galão de petróleo, a fim de encorajar a conservação de energia? E quando nossos vizinhos na Europa e em torno do mundo perguntam por que o público americano foi tão indisposto a fazer do aquecimento global uma prioridade, assinando o tratado de Kyoto sobre mudanças climáticas, o que vamos dizer a eles?

Nas próximas semanas e meses, milhões de norte-americanos colaborarão na assistência às vítimas do furacão Katrina com ofertas de alimentos, abrigo e assistência financeira. As

calamidades naturais tendem a fazer emergir o melhor no caráter norte-americano.

Orgulhamo-nos de estarmos presentes para desafortunados seres humanos quando eles clamam por ajuda. Por que não conseguimos ter coragem para dar a mesma resposta apaixonada quando a Terra está clamando por ajuda?

É uma vergonha para os Estados Unidos da América e para os povos de outros países – não estamos sós – que preferiram seus caprichos, desejos e gratificações pessoais de curto prazo ao bem-estar do resto do planeta.

Agora até os norte-americanos estão pagando o preço

Naturalmente, mesmo os norte-americanos estão agora pagando o preço. Fomos colhidos entre duas frentes tempestuosas. De um lado, a demanda global de petróleo, pela primeira vez na história, está superando o fornecimento global de óleo. O preço de um barril de petróleo está beirando US\$ 70 nos mercados mundiais. A gasolina e o óleo cru estão crescendo tão rapidamente como as águas das cheias nos estados do Golfo o faziam outrora. Em parte porque a tempestade derrubou todos os diques em torno do Golfo do México e incapacitou uma ampla porção das facilidades de refino dos EUA.

O começo do fim agora está visível

Estamos entrando nas últimas e poucas décadas da Era do Petróleo, com pesadas consequências para o futuro de uma economia global que é totalmente dependente de combustíveis fósseis. Enquanto nossos geólogos do petróleo não estão certos sobre quando a produção global de petróleo chegará a seu pico – quanto ao ponto em que a metade do óleo mundial reaproveitável terminar, está claro para todos, menos para as poucas almas iludidas na indústria petrolífera, que o começo do fim está agora visível.

Entrementes, nossa biosfera está convulsionada pelo aumento de CO₂, e

ninguém pode esconder-se ou escapar. Nosso planeta está aquecendo e as repercussões estão lançando a todos em um imprevisível novo período da história.

O começo do fim agora está visível

Haverá milhares de serviços funerários nas próximas semanas para reverenciar os falecidos e desaparecidos. Haverá acenos de mão e recriminação. O público vai querer saber por que romperam os diques protetores de Nova Orleans e da região do Porto do Golfo, por que as necessárias precauções não foram tomadas para reduzir o impacto do Katrina e seus efeitos, e por que o esforço de socorro foi demasiado reduzido, demasiado tardio. Enfim, o que não estamos dispostos a ouvir de George Bush e da Casa Branca ou dos líderes econômicos – ou o que interessa a todos ainda dirigindo nossos SUVs – é um coletivo “somos todos culpados”!

Afastamento da torneira do petróleo

O presidente Bush convocou o povo norte-americano nesta hora de luto a acorrer à tarefa de ajudar a restaurar os diques e as estradas, a consertar as ruas e a reconstruir as casas e as comunidades que se perderam na devastação. Mas para que fim, se deixamos o demônio do aquecimento global fora de

controle? A ameaça é que em breve haverá uma série de tempestades de categoria cinco, ou algo bem pior e inimaginável.

Se eu pudesse falar ao ouvido de George Bush por apenas um instante, diria: “Senhor Presidente, se o senhor tivesse olhado fundo no olho do furacão, o que teria visto seria a morte futura do planeta em que vivemos”. É hora de contar ao povo norte-americano e ao mundo a verdadeira lição do Katrina: que precisamos mobilizar o talento, a energia e resolução do povo norte-americano e das pessoas de qualquer lugar para nos afastar da torneira do petróleo – que está ameaçando o futuro de qualquer criatura da terra.

Sem homilias que pedem para “suportar o furacão e perseverar”

Presidente Bush, poupe-nos de suas homilias sobre a determinação norte-americana de “suportar o furacão e perseverar”. Conte-nos a verdade sobre por que Katrina e Rita realmente aconteceram. Solicite-nos a considerar uma mudança de coração sobre nossos estilos de vida esbanjadores e consumidores de energia. Convoque-nos a conservar nossas reservas existentes de óleo fóssil e a fazer sacrifícios. Consiga-nos um projeto para mover a América a um novo e sustentável futuro energético, baseado em fontes renováveis de energia e no poder do hidrogênio. Estamos aguardando.

Aquecimento global: uma arma fumegante

Por Michael McCarthy

Os superpotentes furacões que agora assolam os Estados Unidos são a “fumegante arma de fogo” do aquecimento global, como crê um dos destacados cientistas britânicos, Sir John Lawton.

A violência crescente dos furacões – como o Katrina, que devastou Nova Orleans e o Rita, agora ameaçando o Texas – é causada muito

provavelmente pela mudança climática, disse Sir John Lawton, catedrático da Comissão Real de Poluição Ambiental [Royal

Commission on Environmental Pollution]. Os furacões estão tornando-se mais intensos, exatamente como modelos de computador o predisseram, devido à crescente temperatura do mar, disse ele. “A crescente intensidade desse tipo de furacões extremos é muito provavelmente devida ao aquecimento global.”

Em uma série de francos comentários – num ataque suavemente velado à administração Bush –, Sir John acusa os neoconservadores dos Estados Unidos que ainda negam a realidade da mudança climática.

Referindo-se à chegada do Furacão Rita, disse: “Se isso faz os malucos do clima perceberem que tivemos um problema, algum bem resultará de uma situação realmente terrível”. Enquanto ele falava, mais de um milhão de pessoas fugia para o norte, para longe da costa do Texas, quando o Rita, um dos mais intensos furacões conhecidos, rugia no Golfo do México. Ele provavelmente chegará nesta noite ou amanhã cedo perto de Houston, a quarta maior cidade da América e o centro de sua indústria petrolífera. Auto-estradas que ligam Houston ao Interior ficaram obstruídas pelo tráfego por mais de cem milhas na direção norte.

Há temores reais de que Houston sofra tão pesadamente os efeitos do Rita como Nova Orleans sofreu os do furacão Katrina, há menos de um mês.

Perguntado sobre que conclusão a administração Bush poderia tirar de dois furacões de tão alta intensidade açoitando os Estados Unidos em rápida sucessão, Sir John respondeu: “Se o que se anuncia tende a ser um horrível estrago, levará os extremamente céticos sobre a mudança climática nos EUA a reconsiderarem sua opinião, o que seria um resultado extremamente valioso”.

Perguntado sobre a caracterização deles como “loucos”, disse: “Há um grupo de pessoas em várias partes do mundo (...) que simplesmente não quer aceitar que as atividades humanas podem mudar e estão mudando o clima”.

“Gostaria de compará-los às pessoas que negavam que fumar causa câncer de pulmão”.

Pesquisas comprovam comentários

Com seus comentários, Sir John tornou-se o terceiro dos líderes do estabelecimento científico britânico a atacar os Estados Unidos relativamente à determinação do governo Bush de levantar dúvidas sobre o aquecimento global como um fenômeno verdadeiro.

Os comentários de Sir John seguem e apóiam recente pesquisa, grande parte da qual feita nos Estados Unidos, mostrando que os furacões estão se tornando mais violentos e sugerindo que está em causa a mudança climática.

Uma publicação sobre pesquisadores dos EUA, na semana passada, no *US Journal Science*, mostrou que os temporais da intensidade do furacão Katrina se tornaram duas vezes mais comuns do que nos passados 35 anos.

Enquanto a frequência geral das tempestades tropicais de todo o mundo permaneceu no mesmo nível até 1970, a quantidade da categoria extrema 4 e 5 cresceu repentinamente. Nos anos 1970, houve uma média de 10 furacões das categorias 4 e 5 ao ano, mas desde 1990, eles dobraram aproximadamente a uma média de 18 ao ano. Durante o mesmo período, as temperaturas da superfície dos mares, segundo os medidores da intensidade dos furacões, cresceram em uma média de 0,5° C (0,9° F).

Sir John disse: “Progressivamente, isso se parece com uma arma fumegante. Há uma clara conclusão a ser tirada. A de que o aquecimento global, causado em grande parte pelo povo, está levando a maiores temperaturas da superfície dos mares e à maior violência dos furacões”.

O encontro de Hans Küng com Bento XVI.

Hans Küng e Papa Bento, velhos amigos e arqui-rivais, têm um encontro cordial

Traduzimos e publicamos na íntegra o artigo, sob o título acima, de John L. Allen Jr, correspondente em Roma do jornal norte-americano *National Catholic Reporter* (NCR), dia 26-9-05. John L. Allen Jr é reconhecido, internacionalmente, como um dos importantes vaticanistas da atualidade. A tradução é nossa e foi publicada, originalmente, na página www.unisinos.br/ihu, nas notícias diárias, de 1-10-05. O autor se refere ao encontro entre Hans Küng e Ratzinger que aconteceu em 24 de setembro de 2005, quando os dois jantaram e conversaram durante 2 horas. Nas notícias diárias da página www.unisinos.br/ihu, de 26 de setembro de 2005, foi publicada uma nota sobre o encontro.

“Num gesto dramático de reconciliação, o Papa Bento XVI encontrou-se no dia 24 de setembro com seu antigo colega e por muito tempo opositor, o teólogo católico suíço Hans Küng⁴, um impetuoso liberal que certa ocasião comparou o então cardeal Joseph Ratzinger⁵ com o chefe da KGB em sua

⁴ Hans Küng (1928): teólogo suíço. É padre católico desde 1954. Foi professor na Universidade de Tübingen, onde também dirigiu o Instituto de Pesquisa Ecumênica. Foi consultor teológico do Concílio Vaticano II. Destacou-se por ter questionado as doutrinas tradicionais e a infalibilidade do Papa. O Vaticano proibiu-o de atuar como teólogo em 1979. Nessa época, foi nomeado para a cadeira de Teologia Ecumênica. Atualmente, mantém boas relações com a Igreja e é presidente da Fundação de Ética Global em Tübingen. Dedica-se ao estudo das grandes religiões, sendo autor de obras, como *A Igreja Católica*, publicada pela editora Objetiva e *Religiões do Mundo: em Busca dos Pontos Comuns*, pela editora Verus. Para conhecer sua trajetória cfr. Hans KÜNG. *Libertad conquistada. Memórias*. Madrid: Trotta, 2004. (Nota da *IHU On-Line*).

⁵ Joseph Ratzinger, teólogo alemão, é o Papa Bento XVI. Autor de uma vasta e importante obra teológica, um dos seus livros fundamentais, *Introdução ao cristianismo* está sendo republicado pelas Edições Loyola. (Nota da *IHU On-Line*)

capacidade de impor a verdadeira doutrina do Vaticano. Em 1979, a licença de Küng para ensinar a teologia católica foi revogada pelo Papa João Paulo II, uma decisão na qual Ratzinger teve participação como membro da conferência episcopal alemã. Nos anos seguintes, Küng foi um crítico destacado de diversas posições doutrinárias defendidas por Ratzinger, e dos procedimentos investigatórios pelos quais elas são impostas. Enquanto os dois homens gostavam de discordar em matérias de doutrina, o Papa ofereceu cálidos elogios pelos esforços de Küng para promover o diálogo entre religiões e com as ciências naturais, enquanto Küng expressava apoio aos empenhos do Papa na promoção das mesmas linhas.

Um enunciado do Vaticano, de 26 de setembro, não informou sobre quem solicitou o encontro, mas disse que ele teve lugar num "clima amistoso" e que Bento XVI ofereceu especial apoio aos esforços de Küng na construção de um *Weltethos*, Uma ética mundial⁶, ou uma infra-estrutura moral

⁶ Tradução portuguesa: KUNG, Hans. Projeto de *Ética Mundial*. São Paulo: Paulinas, 1992. (Nota da *IHU On-Line*)

baseada em valores colhidos entre as religiões, que também podem ser reconhecidos pela razão secular.

Ambas as partes concordaram, segundo o enunciado, que não fazia sentido entrar nas "persistentes questões doutrinárias" entre Küng e o magistério da Igreja Católica.

Num certo nível, o encontro foi uma reunião de velhos amigos que atuaram juntos na famosa faculdade alemã de teologia de Tübingen nos anos de 1960. De fato, foi Küng que trouxe então o irmão Joseph Ratzinger a Tübingen, atraindo-o de uma posição na Universidade de Münster. Os dois homens serviram juntos como peritos ou teólogos *experts* para os bispos alemães no Concílio Vaticano II ⁷(1962-65), onde faziam parte da ampla maioria progressista. Em Tübingen, eles tinham um regular encontro num jantar semanal nas quintas-feiras, para discutir um jornal que eles editavam juntos.

No início do Vaticano II, o então Cardeal de Milão, Giovanni Battista Montini, que concluiria o concílio como Papa Paulo VI, predisse que duas figuras proeminentes seriam muito comentadas nestes anos no mundo católico - Küng e Ratzinger.

Num outro nível, todavia, a reunião de 24 de setembro representa um encontro entre os dois principais líderes da esquerda e da direita católica no período pós-Vaticano II. Küng, conhecido por suas acirradas disputas públicas sobre a infalibilidade papal e outras doutrinas, foi por muito tempo um predileto dos católicos liberais, durante mais de 24 anos, enquanto o chefe doutrinário do Vaticano Ratzinger se tornou o campeão da ala conservadora da Igreja.

A decisão do Papa de se encontrar com Küng e o tom caloroso de seu encontro será visto, em larga escala, como um gesto de

reconciliação com a comunidade teológica, e mais em geral, com as facções liberais do catolicismo. Sob certos aspectos, é difícil saber se devemos ficar mais surpreendidos com o fato de Bento conceder o encontro, ou de Küng, em aceitá-lo.

O encontro Ratzinger-Metz derriçou

Em 1997, um outro teólogo católico alemão, que seguidamente teve desacertos com Ratzinger, Johann Baptist Metz⁸, celebrou seu septuagésimo aniversário em Ahaus, na Alemanha. Ratzinger esteve no programa, e os dois homens falaram carinhosamente um do outro. "Muitos de meus colegas tiveram a impressão que isto [o aparecimento de Ratzinger] foi um gesto de reconciliação ante a comunidade teológica", disse Metz.

Küng, entretanto, ridicularizou Metz por aparecer com Ratzinger sem fazer caso da reforma interna da Igreja. "É surpreendente" e "um verdadeiro escândalo" que Metz "quisesse oferecer um fórum ao Grande Inquisidor", escreveu Küng em carta aberta publicada antes do simpósio de Ahaus. "Ele é a autoridade principal do ofício inquisitorial. É algo semelhante a ter uma conversação geral sobre direitos humanos com o cabeça da KGB". Foi o que disse Küng na época numa entrevista na NCR. "Isso é praticamente uma capitulação para o sistema romano, uma espécie de acordo de paz com Ratzinger, quando a verdadeira tarefa da teologia política deveria ser a de identificar-se com o povo sofrido em nossa igreja. Eles estão exagerando em falar sobre Deus para evitar de lidar com problemas na igreja".

Foi tudo um pouco pesado para Metz. "Às vezes ele se comporta como um segundo magistério. Para dizer-lhe a verdade, um é suficiente, pelo menos para mim", disse Metz, acrescentando que ele ficou "muito

⁷ O **Concílio Vaticano II**, realizado entre 1962 e 1965, é considerado o maior acontecimento da história da Igreja, do século XX. Durante o Concílio Vaticano II, foram publicados dois documentos. A constituição dogmática *Lumen Gentium*, que foi tema de capa da **Revista IHU On-Line**, edição nº. 124, de 22 de novembro de 2004, e a constituição pastoral *Gaudium et Spes*, que foi tema de capa da **Revista IHU On-Line**, nº. 157, de 26 de setembro de 2005. (Nota da **IHU On-Line**).

⁸ Johann Baptist Metz: teólogo alemão. Dele publicamos uma entrevista na 13ª edição, de 15 de abril de 2002 e reproduzimos um artigo escrito por ocasião do 60º aniversário de Karl Rahner, publicado como introdução, no livro **Gott in Welt. Festgabe für Karl Rahner**, na edição de nº. 102, de 24 de maio de 2004. (Nota da **IHU On-Line**).

magoadado, muito desapontado, muito angustiado" com os comentários de Küng.

Küng não se arrependeu

"Esse evento foi simplesmente uma belíssima ocasião de mostrar Ratzinger como um sorridente Inquisidor que pode falar sobre altos temas teológicos de maneira serena", disse ele. "Ele pensou que todos ficariam impressionados".

Essas reações refletem a acidentada história entre Küng e Ratzinger.

Não há ninguém no mundo mais associado com o Vaticano II, tanto com suas promessas como com seus perigos, que o teólogo suíço de 77 anos de idade. Seu livro, *O Concílio, Reforma e Reunião*, foi amplamente considerado como o gabarito extra-oficial para o Vaticano II. "Jamais um teólogo individual terá novamente tal influência", escreveu o último *expert* do Vaticano, Peter Hebblethwaite⁹.

Nos anos seguintes, Küng se tornou a face pública do catolicismo liberal, advogando uma reforma na Igreja, um progresso ecumênico e um diálogo inter-religioso com religiões não cristãs.

Küng foi contatado pela primeira vez pelo Vaticano em abril de 1967, para responder a ressalvas contra seu livro *Die Kirche* (A Igreja)¹⁰, que enfoca especialmente sua compreensão da autoridade papal. Naquela época, Küng fez várias exigências: para ter acesso ao seu arquivo ("Eu preciso mencionar com insistência que em, todos os estados civilizados do Ocidente, mesmo criminosos, têm garantido total acesso ao dossiê que lhes pertence"); que nenhuma decisão anterior feita sem seu envolvimento seja posta de lado; uma lista escrita dos problemas com seu livro; para saber os nomes dos *experts* que investigaram seu livro; a permissão de falar em alemão durante qualquer encontro formal; e que suas despesas de viagem a Roma sejam

⁹ **Peter Hebblethwaite**: ex-padre jesuíta, é importante jornalista especializado nos assuntos do Vaticano. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁰ Tradução portuguesa: KUNG, Hans. *A Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. (Nota da *IHU On-Line*)

pagas, pois, caso contrário, disse ele, eles poderiam promover o encontro em Tübingen; "minha casa estaria à sua disposição". Cópias com papel carbono desta carta chegaram ao Bispo Joseph Leiprecht da diocese de Rottenberg, na qual Tübingen está localizada, e a Ratzinger, que era então decano da Faculdade Teológica.

Em julho de 1970, a verdadeira surpresa de Küng explodiu sobre o mundo católico. Seu livro sobre a infalibilidade papal pareceu desafiar a declaração de 1870 Vaticano I, questionando tanto sua solidez teológica como suas desastrosas implicações para o ecumenismo.

Pouco depois do aparecimento do livro de Küng, a conferência episcopal alemã começou uma investigação. Em janeiro de 1971, Küng compareceu a uma audiência da comissão doutrinal da conferência e seus consultores teológicos, incluindo Ratzinger. A 8 de fevereiro de 1971, a conferência dos bispos publicou uma declaração, denunciando o livro de Küng.

Ratzinger contribuiu para um volume editado em 1971 por Karl Rahner¹¹, que continha ensaios críticos sobre o livro de Küng. Ambos, Ratzinger e o famoso teólogo jesuíta Karl Rahner expressaram sérias reservas. Küng lastimou não ter sido convidado por Rahner a contribuir com um ensaio em sua própria defesa.

O que muitas pessoas acreditam ser a obra prima de Küng, *Ser Cristão*¹², foi publicado em 1974. Em algumas regiões, o livro foi imediatamente elogiado como um clássico, mas a reação nos círculos da teologia católica acadêmica foi muito mais variada. Em 1976, um volume de ensaios em resposta ao livro foi publicado na Alemanha, contendo contribuições de Ratzinger, Rahner e outros.

¹¹ **Karl Rahner** (1904-1984): teólogo alemão jesuíta que contribuiu significativamente com a teologia católica no século XX. Um dos teólogos mais influentes durante o Concílio Vaticano II, colaborando para uma compreensão moderna da fé católica. *IHU On-Line* dedicou ao teólogo a edição número 102, de 24 de maio de 2004. (Nota da *IHU On-Line*)

¹² Tradução portuguesa: KUNG, Hans. *Ser cristão*. Rio de Janeiro: Imago. 1974. (Nota da *IHU On-Line*)

O livro expressou uma "opção por um rótulo que, na realidade, é uma fórmula vazia", escreveu Ratzinger. Ele levou a teologia "para fora da seriedade da vida e da morte e para os interesses questionáveis da literatura"; nele a fé cristã é "levada para a corrupção de seu verdadeiro fundamento", a Igreja desaparece "literalmente no falar sobre nada"; ele contém "uma arrogância desmedida"; sua teologia "não tem roteiro e em última análise não vincula"; Küng foi "conduzindo-o sozinho, sozinho consigo mesmo e a irracionalidade moderna"; o livro expressou "uma certeza escolar, uma certeza partidária, não uma certeza pela qual alguém pode viver e morrer, uma certeza para um período confortável no qual as coisas últimas não são exigidas"; sua teologia "chega em última análise ao absurdo", e "não conduz a nenhum lugar".

Küng objetou amargamente à análise de Ratzinger aos 22 de maio de 1976, num artigo no jornal *Frankfurter Allgemeine*, escrevendo que ela continha "numerosas representações falsas, insinuações e condenações". Em toda parte, Küng se referia ao volume de ensaios como "um tiro totalmente às avessas".

Küng defende sua obra

Em 1977, Küng se apresentou ante um painel em Stuttgart para discutir as referências dos bispos alemães sobre o livro e sua outra obra. Um cardeal dissera que ele desejava ter Ratzinger e Karl Lehmann¹³, este agora cardeal de Mainz, com ele como consultores. Küng objetou a Ratzinger, argüindo que seus livros sobre a infalibilidade e *Ser cristão* careciam de objetividade. "Eu não desejei a presença do Sr. Ratzinger aqui, porque não

¹³ **Karl Lehmann**: importante teólogo alemão, atualmente cardeal-arcebispo de Mainz e presidente da Conferência Episcopal da Alemanha, escreveu um artigo sobre Kant que a *IHU On-Line* traduziu e publicou na 93ª edição, de 22 de março de 2004. O Instituto Humanitas Unisinos também traduziu e publicou o artigo *O Cristianismo – Uma religião entre outras? Um subsídio para o Diálogo Inter-religioso – na perspectiva católica*, de autoria de Karl Lehmann. O artigo foi publicado em *Multitextos*, no. 1, outubro de 2003. (Nota da *IHU On-Line*)

desejo falar com ele", disse Küng em Stuttgart. "porque, afinal, eu tinha imaginado (o que foi confirmado aqui) que entraria neste colóquio uma fundamental rispidez e emotividade que eu não desejaria".

Entrementes, Ratzinger tinha sido sagrado como cardeal-arcebispo de Munique, e ele ficou envolvido na conferência episcopal com as discussões internas sobre o caso Küng. Diversas cartas circularam entre Ratzinger, o Cardeal Josef Höffner de Colônia, o principal crítico de Küng entre os bispos durante boa parte dos anos 1970, e Küng.

O primeiro aceno para uma medida disciplinar sobre os livros de Küng ocorreu aos 16 de outubro de 1979, numa entrevista radiofônica dada por Ratzinger, na qual ele foi duramente crítico a respeito do artigo de Küng sobre o Papa. De 5 a 9 de novembro, os cardeais alemães estiveram em Roma para um encontro com o Papa.

Numa entrevista posterior com a agência de notícias católica da Alemanha, Ratzinger usou o termo *missio canonica* pela primeira vez em conexão com o caso, dizendo que Küng não podia ensinar teologia católica e perdia o visto para fazê-lo. A *missio canonica* é a licença que um teólogo católico deve ter para ensinar numa instituição pontifícia reconhecida. Aos 18 de dezembro de 1979, os bispos alemães deram uma conferência na imprensa, anunciando uma declaração da Congregação para a Doutrina da Fé, segundo a qual Küng não estava mais qualificado para ser um teólogo católico.

Num sermão no dia 31 de dezembro de 1979, Ratzinger defendeu a ação contra Küng em termos que se tornariam familiares: "O fiel cristão é uma simples pessoa: os bispos deveriam proteger a fé dessas simples pessoas contra o poder dos intelectuais".

Durante o quase quarto de século de Ratzinger na Congregação para a Doutrina da Fé, Küng permaneceu como um dos mais ferrenhos críticos. Em 1989, por exemplo, ele esteve entre os principais signatários da "Declaração de Colônia", um enunciado de 163 teólogos, lamentando o "centralismo romano" na igreja.

No entanto, o respeito dos dois homens um pelo outro permaneceu intacto no decorrer dos anos.

Em suas memórias, de 1997, Ratzinger escreveu de maneira positiva sobre Küng. Na reação imediata à eleição de Ratzinger como Bento XVI, Küng de certa forma retribuiu o favor, chamando o resultado de "um enorme desapontamento", mas acrescentando: "O papado é um tal desafio que ele pode mudar qualquer um... Procuremos, então, dar-lhe uma chance".

A declaração do Vaticano de 26 de setembro não fez menção de nenhuma discussão sobre a possibilidade de levantar a suspensão do direito de Küng de ensinar teologia. Após a suspensão, Küng concentrou sua atenção sobre seu projeto de ética mundial, tornando-se uma figura internacionalmente reconhecida em seus esforços para promover o diálogo entre as religiões mundiais, bem como entre a fé e o mundo secular.

A opinião de alguns teólogos brasileiros sobre o encontro de Bento XVI com Hans Küng

Depois de publicar nas notícias do dia da página eletrônica do IHU de 26 de setembro de 2005 uma nota sobre o encontro do dia anterior, entre o Papa Bento XVI e o célebre teólogo Hans Küng, que tentou, em vão, ser recebido por João Paulo II, buscamos opiniões de especialistas sobre o assunto.

A equipe da *IHU On-Line* colheu os depoimentos do padre e teólogo **José Oscar Beozzo**, um dos maiores historiadores da Igreja na América Latina e coordenador geral do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (Cesep), do doutor em teologia e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) **Faustino Teixeira** e do frei **Luiz Carlos Susin**, doutor em Teologia e professor do curso de Teologia da PUCRS sobre o assunto, que estão reproduzidos abaixo e que foram originalmente publicados na página www.unisinos.br/ihu. Os três especialistas tocaram em um ponto comum: o Papa parece estar sinalizando que chegou o momento de a Igreja Católica dialogar.

José Oscar Beozzo:

"É altamente positivo que o Papa tenha recebido o teólogo Hans Küng, um severo crítico da crescente centralização romana e do paulatino afastamento das inspirações maiores do Concílio. São elas: igreja vista como povo de Deus e não apenas como seu segmento hierárquico; liturgia centrada na assembléia orante dos batizados e sacerdócio comum dos fieis e não apenas no papel do ministro ordenado; atropelo da colegialidade episcopal do governo da igreja, com o contínuo esvaziamento dos sínodos, desprovidos de

qualquer papel realmente ativo na determinação dos rumos a ser por ela seguidos.

Hans Küng nunca deixou também de denunciar as dificuldades geradas para o ecumenismo pela *Dominus Jesus* e as seguidas condenações de teólogos e teólogas da América Latina, Ásia, Europa, Estados Unidos.

A inculturação da liturgia e da teologia na África, Ásia e América Latina sofreram contínuos entraves no último pontificado. O que esperamos é que este seja um primeiro passo e que possa também ser aberto um diálogo com a América Latina, com teólogos e

teólogas que sofreram processos ou punições da parte da Congregação da Doutrina para a Fé, como Leonardo Boff e Ivone Gebara, Gustavo Gutierrez e Jon Sobrino. E que esta prática se estenda, sobretudo, aos teólogos da Índia e Sri Lanka, que refletem sobre os caminhos do diálogo inter-religioso, e aos dos Estados Unidos e Europa, que se debruçam sobre as difíceis questões da bioética ou da sexualidade humana.

Luiz Carlos Susin:

“Hans Küng jantando na casa de descanso do Papa: não havia lugar e hora melhor para retomar um relacionamento de dois ex-colegas que tinham tomando direções tão diferentes a certa altura de um caminho feito em comum. Ambos eram teólogos bem formados pela geração Nova Teologia antes do Concílio. Tanto que ambos, ao lado dos seus mestres, foram os mais jovens peritos conciliares.

E ambos deram grande contribuição ao Concílio. De Ratzinger se sabe por meio das posições do Cardeal Frings, a quem assessorou. De Hans Küng, pelas conferências impactantes feitas aos bispos durante o Concílio. Depois, Hans Küng facilitou a vinda de Ratzinger para a mesma universidade, para formarem uma equipe. Mas veio a crise de 1968 e, a partir daí, as posições de ambos diante da cultura e do pensamento que tentava dar conta da cultura começaram a tomar distâncias.

Pessoalmente, conheço melhor o que Küng pensa de Ratzinger do que o contrário, pois Ratzinger sempre foi lacônico ao falar de Küng. Este, sobretudo em suas Memórias, além de ser um grande falador e até um sonhador, faz juízos críticos sobre o ex-

Seria um belo gesto da parte de Bento XVI se continuasse a tradição, aberta por Paulo VI e continuada por João Paulo II, de fazer cardeais teólogos que haviam passado maus momentos com o antigo Santo Ofício, como foi o caso de Congar, Henri de Lubac e outros.

Um gesto semelhante em relação, por exemplo, a Gustavo Gutierrez seria uma bela maneira de se reconhecer o bom serviço prestado por ele e pela Teologia da Libertação não só à Igreja da América Latina, mas à toda a Igreja”.

colega que, como teólogo, teria assumido uma posição defensiva mais do que de diálogo.

Quando Ratzinger assumiu a Congregação que deu as cartas a João Paulo II para que retirasse de Küng o reconhecimento de teólogo católico, isso já tinha acontecido. Talvez Ratzinger tivesse se contentado com o que veio fazendo depois, somente "Notificações". Mas o mais provável é que tenha mantido a posição por coerência com a direção dada pelo Papa de então. Sendo agora Papa, pode assumir uma posição mais coerente consigo mesmo.

Talvez, mas é preciso esperar mais um pouco. O fato de Küng ter sido muito duro no final do Pontificado anterior e de ter sido silencioso desde o começo deste, revela que tinha esperança de ser melhor tratado pelo ex-colega.

Esse demorado jantar, sem dúvida, é um bom sinal para a teologia católica e para se criar uma nova atmosfera na Igreja Católica, onde o diálogo e o debate voltem a atravessar toda a Igreja, desde o Papa. Parece que o sinal vai nessa direção, ainda que dois professores alemães apenas se cumprimentem sem se abraçar - ainda”.

Faustino Teixeira:

“Para todos nós que trabalhamos o tema do diálogo inter-religioso o encontro de Hans Küng com o Papa Bento XVI significa um horizonte de esperança num tempo marcado por muita intransigência da Igreja Católica com as outras religiões. Vejo neste encontro a possibilidade de retomada de uma perspectiva

de mais humildade, cortesia e otimismo, e também de respeito para com a comunidade teológica, que nos últimos anos vem sofrendo sérios embates e perseguições.

Considero importante o compromisso assumido pelos dois de "olhar para frente" e, sobretudo, inaugurar um novo clima de

discussão e de liberdade para tratar as questões relevantes para a igreja neste século XXI.

Marco Politi já havia sublinhado que o novo pontificado nos reserva "muitas surpresas". Assim esperamos! Nós, como teólogos, devemos apostar nestas surpresas e fazer avançar a reflexão com ousadia e respeito. Talvez sejam importantes toques de centelha, como diria João da Cruz, que estejam fazendo acordar em Bento XVI o teólogo dotado, amável e aberto, o pesquisador progressista de Tübingen, que se eclipsou no grande inquisidor Ratzinger. O momento é outro e a situação diversa. Ao se tornar Papa, o cardeal Ratzinger deixa de ser alguém que se ocupa de um setor específico, marcado por um peso

institucional umbroso, para assumir a tarefa extremamente delicada, desafiante e luminosa de ser um pastor atento à universalidade dos fiéis.

O seu testemunho agora deve ser de incentivo e encorajamento, de atenção e sensibilidade aos sinais dos tempos. De ousadia no diálogo com os povos, culturas e religiões, de apoio na busca de um exercício ético alternativo.

O desafio maior não é o de fixar a comunidade católica nos estreitos domínios de uma fé surda e impermeável aos tempos modernos. O desafio é alargar as cordas da identidade cristã e ampliar seus horizontes, acolhendo com alegria e carinho o pluralismo religioso".

Seminário debate religião e mística comparada em Juiz de Fora

Acontece, de 1º a 3 de outubro, o **IV Seminário de Mística Comparada**, em Juiz de Fora, Minas Gerais. O evento faz parte da linha de pesquisa Religião e Mística Comparada da Universidade Federal de Juiz de Fora. Para saber mais sobre o evento, conversamos com Faustino Teixeira, doutor em teologia e professor da UFJF, um dos organizadores do encontro ao lado da professora Vitória Peres de Oliveira.

Entre os conferencistas estão especialistas no tema como Luis Felipe Pondé, da PUCSP e Otávio Velho, da UFRJ.

A revista **IHU On-Line** n. 131, 21 de março de 2005, sob o título **As delicadezas do mistério. A mística hoje**, dedicou uma edição ao tema. A revista pode ser consultada nesta página.

Esta entrevista foi publicada, originalmente, na página www.unisinos.br/ihu no dia 1-10-05.

IHU On-Line - Qual o objetivo do Seminário?

Faustino Teixeira - O objetivo essencial é reunir alguns pesquisadores nacionais que vêm trabalhando a questão da mística ou mística comparada nos centros de ciências da religião e teologia. Trata-se de abrir ou reforçar esta discussão no Brasil. Há hoje um grande interesse, que é também acadêmico, de

aprofundar a questão da mística e da espiritualidade. Há debates muito importantes ocorrendo no exterior, como os promovidos pelo Centro Internacional de Estudos Místicos, na Espanha, que estão sendo desdobrados em ricas publicações. Há igualmente trabalhos de grande fôlego que vêm sendo publicados por importantes autores como Bernard

McGinn¹⁴, Pablo Beneito Arias, Luce López-Baralt¹⁵, Michael Sells¹⁶ e tantos outros.

IHU On-Line - Qual a importância de se debater a mística comparada? Quais são os principais temas que devem ser abordados no evento?

Faustino Teixeira - Queremos criar um clima para a compreensão da diversidade. Ao se criar um espaço para o estudo, a comparação e o relacionamento de escolas, tendências e métodos que povoam nossa variada geografia espiritual, estamos abrindo caminhos novos e inusitados para o diálogo entre as diversas tradições espirituais. Sem negar a presença substantiva da diferença entre as distintas tradições religiosas, há que reconhecer a presença de aproximações e convergências que as atravessam. Neste IV Seminário estamos privilegiando o estudo de textos místicos, como, por exemplo, *Confissões*, de Agostinho, *Cântico Espiritual*, de João da Cruz e *A espera de Deus*, de Simone Weil¹⁷. E igualmente as comunicações que serão apresentadas versam sobre textos

místicos. Uma novidade no seminário deste ano é a participação de um núcleo de pesquisadores da área da saúde que vêm se dedicando ao tema da saúde e espiritualidade; e também para a nossa grande alegria, a presença do antropólogo Otávio Velho¹⁸, que irá nos brindar ao final com uma reflexão antropológica sobre a mística.

IHU On-Line - Qual a relação das obras citadas pelo senhor com o tema do Seminário e porque foram escolhidos estes livros para serem abordados no evento?

Faustino Teixeira - Os livros foram definidos em função da temática de pesquisa dos professores ou alunos envolvidos. Há que registrar que no programa de ciência da religião de Juiz de Fora há uma linha de pesquisa específica sobre religião e mística comparada, e a segunda tese de doutorado defendida na UFJF, em 2005, relacionou-se com este tema. Há também no programa de ciências da religião da PUC-SP um núcleo de pesquisa sobre mística e santidade.

¹⁴ **Bernard McGinn**: professor de Teologia Histórica na Divinity School da Universidade de Chicago. (Nota da *IHU On-Line*).

¹⁵ **Luce Lopez-Baralt**: professora convidada em diversas universidades da América do Norte, da Europa e do Oriente Médio. Especialista na investigação e tradução de manuscritos árabes e persas. (Nota da *IHU On-Line*).

¹⁶ **Michael Sells**: foi professor de religião na universidade de Haverford, Pensilvânia. Faz estudos comparativos entre islamismo e violência, misticismo, sufismo, entre outros. (Nota da *IHU On-Line*).

¹⁷ **Simone Weil** (1909-1943): professora, operária e filósofa francesa. Dedicou-se a lutar contra a injustiça e, nos últimos anos de vida, falou sobre o significado de Deus para a humanidade. Sobre ela, publicamos um tema de capa da edição número 84, da revista *IHU On-Line*, de 17 de novembro de 2003. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁸ **Otávio Velho**: antropólogo, especialista na relação entre religião e política. Trabalha no Museu Nacional na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). (Nota da *IHU On-Line*)

Golias e o humor do homem simples

Por José de Souza Martins

“Com seus tipos inesquecíveis, que viviam fora do lugar e fora do tempo, o humorista personificou os marginalizados”, escreve José de Souza Martins, professor titular de Sociologia da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, em artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, 2-10-05.

Ronald Golias representou de modo perfeito alguns tipos que constituem o cerne do modo de ser e de pensar do homem comum na demorada e inacabada transição da sociedade brasileira para a modernidade. Fixou um modo de vida característico dessa população, a rua como cenário de um viver sem medo e ingênuo, recados sendo mandados para a mãe mediante o berro: “Ô Cride, diz pra mãe...” E lá vinha uma notícia insólita, desgrudada do cotidiano e da vida familiar, a rua como lugar de banalização da informação. Nesse grito, era também o moleque de vizinhança, verdadeiras instituições – rua e vizinhança – que declinaram com os prédios de apartamentos, as ruas tomadas pelos carros e subtraídas ao lazer da molecada. Desse personagem, Golias reproduziu em outro, o Bronco, da Família Trapo, o componente propriamente da rua: falava num tom acima do tom da fala dos atores com os quais contracenava, como se estivesse sempre na rua e como se o interlocutor estivesse longe. Levava a rua para dentro de casa e nisso ressaltou a importância que teve e continua tendo a rua na socialização e no modo de vida do homem simples. A casa como o oposto do que é nas sociedades e nas classes sociais que deram origem à vida

privada e a cultivaram como lugar do decoro, proteção contra a plebe. Mas a rua como cenário da consciência debochada porque crítica.

Como é próprio do humor popular, o humor de Golias estava no falsete desse estar fora do lugar. Na Família Trapo (e em O Cunhado), Golias era o incômodo parente que parasitava a família da irmã que, pelo casamento com o estrangeiro rico, experimentava a ascensão social. Era a sobrevivência do que a família queria esquecer, a origem humilde, os costumes grosseiros. A vida familiar e privada desconstruída continuamente pelo cunhado que trazia a rua para dentro de casa nos gestos, na mentalidade, no desalinhamento do vestir, no falar alto. À luz de seu modo de ser os êxitos econômicos do marido da irmã não pareciam frutos justos do trabalho e da competência, mas resultados de uma conduta que não se diferenciava da do boavida e oportunista.

De certo modo, Bronco era o questionamento da ideologia da ascensão social pelo trabalho, que começou a surgir entre nós nas últimas décadas do século 19, com o fim da escravidão. Era ela a única promessa que nossa tropical sociedade podia fazer aos novos trabalhadores livres.

Em troca, o trabalho árduo mal remunerado permitiu um adiamento consentido do tempo de colheita dos frutos do sacrifício e da privação. Essa mentalidade sobreviveu desde a abolição da escravatura até o final dos anos 50. Teve seu grande momento na era Vargas, quando Golias começava sua carreira artística. O contraponto de Bronco em relação ao cunhado mostrava o quanto de postiço havia naquela família que fingia ser o que não era e que procurava corresponder às complicadas exigências de comportamento de quem mudara de posição e de situação social, tentando esconder o que fora, o grosso, o cafona. As caretas e os trejeitos de Golias deram a mais expressiva face que se poderia dar à duplicidade humana que pode haver naqueles que subiram na vida e precisam aparentar o que não são ou não sabem ser. Num outro personagem de Golias, o professor Bartolomeu Guimarães, decrépito e antiquado, um homem vivendo fora de seu tempo, alheio às mudanças de costumes e de mentalidade, encontramos outra dimensão das grandes mudanças sociais que sustentavam o humorismo de Golias. A modernidade que ri dos imodernos instituiu o duplo sentido na comunicação humana, na conversação, no trato entre as pessoas. A historinha da procissão de São Benedito, tantas vezes lembrada nos desempenhos do ator, é antológica. Ao ver passar a procissão, o velho professor sai à rua e grita inocentemente para todos ouvirem: “Mangueira!” Quase foi linchado, por acharem os devotos que era ofensiva referência à religião e ao santo preto, como se o formalíssimo mestre na sua habitual confusão pensasse tratar-se de uma escola de samba e de um desfile de carnaval. Reiniciado o cortejo, a imagem do santo carregada no andor bate a cabeça no galho de frondosa mangueira, cai e se espatifa, pois o perigo para o qual os alertara o desligado ancião não fora percebido pelos

piedosos, compenetrados e cabisbaixos participantes do ato de fé.

Golias personificou em seus tipos essa dupla característica dos insuficientemente socializados, dos marginalizados das sociedades transicionais: fora do lugar e fora do tempo. São os deslocados em face da história que os deixa de lado e os deixa para trás, que os priva de participação e compreensão de como de fato essa história é. Golias retoma a matriz do humor brasileiro que floresce nos anos 20 sobretudo com Cornélio Pires, que elegera o atrasado caipira como a figura de referência do nosso humor nos descompassos e injustiças da modernização seletiva e elitista. Golias não é, porém, o caipira contrapontístico de Cornélio Pires. Já é o homem comum urbano que, sem substanciais mudanças de identidade, agregou-se à sociedade do êxito pessoal, mal assimilado espertalhão e boa-vida pela elite dos novos ricos. Ele é o lembrete de uma história que não acabou, uma sobrevivência, um filósofo da acomodação, um intelectual do riso, não do silêncio.

Ele foi também, provavelmente, o último protagonista competente do homem simples, como figura de referência de uma cultura popular que ganhou seu melhor espaço no rádio e na televisão, na careta crítica e na fala descontextualizada que, em vez de assumir a pauta de quem define convenções e de quem manda, improvisa sua própria pauta e sua liberdade. Mas o homem simples já não é a figura da sociedade civil bem-humorada. Mudou-se para Brasília, virou Estado e governo, presidente e deputado, convertido no seu contrário, na melancólica sisudez da governança. O homem simples criou seu próprio espetáculo, seu próprio fingimento e já não faz rir. Nem por isso se tornou sério.

Deu nos jornais

Deu nos jornais é uma síntese semanal das notícias veiculadas diariamente no site www.unisinos.br/ihu, compiladas pelo Instituto Humanitas Unisinos (IHU).

CNBB pede adiamento da transposição do Rio São Francisco

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) enviou ontem carta ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva pedindo o adiamento das obras de transposição do Rio São Francisco. Os bispos alegam que a sociedade não foi devidamente consultada sobre o assunto e defendem prioridade para a revitalização do rio, com destaque para o investimento no tratamento do esgoto de populações ribeirinhas.

Uma vida pela vida. A declaração D. Luís Caprio

No dia de Páscoa deste ano, frei Luís fez a declaração "Uma vida pela vida". "Em nome de Jesus Ressuscitado que vence a morte pela vida plena, faço saber a todos: "De livre e espontânea vontade assumo o propósito de entregar minha vida pela vida do Rio São Francisco e de seu povo contra o Projeto de Transposição, a favor do Projeto de Revitalização. Permanecerei em 'greve de fome', até a morte, caso não haja uma reversão da decisão do Projeto de Transposição. A 'greve de fome' só será suspensa mediante documento assinado pelo Exmo. Sr. Presidente da República revogando e arquivando o Projeto de Transposição. Caso o documento de revogação, devidamente assinado pelo Exmo. Sr. Presidente, chegue quando já não for senhor dos meus atos e decisões, peço, por caridade, que me prestem socorro, pois não desejo morrer. Caso venha a falecer, gostaria que meus restos mortais descansassem junto ao Bom Jesus dos Navegantes, meu eterno irmão e amigo, a quem, com muito amor, doe toda minha vida, em Barra, minha querida diocese.

Peço, encarecidamente, que haja um profundo respeito por essa decisão e que ela seja observada até o fim. Quando a razão se extingue, a loucura é o caminho".

Carta de Lula ao bispo reforça disposição de continuar a greve de fome

No sábado, dia 1 de outubro, o bispo de Barra, recebeu a carta de Lula e respondeu ao Presidente agradecendo a correspondência. Ele afirmou, porém, que reforçou sua disposição de manter o jejum até que o projeto seja arquivado. A notícia é do jornal **Folha de S. Paulo**, 2-10-05. "A carta é muito amiga e solidária, mas não muda nada", disse o bispo, após rezar uma missa para cerca de 200 pessoas.

Sindicalista gaúcho é assassinado quando protestava contra o desemprego

Em protesto contra o desemprego na indústria calçadista, em Sapiranga, no Vale do Sinos, um sindicalista morreu, sexta-feira, dia 30-9-05, quando a manifestação se transformou em confronto com policiais militares. O embate ocorreu no km 28 da estrada que liga o município a Estância Velha (RS-239), sob o Viaduto Presidente Kennedy. A notícia é do jornal **Zero Hora**, 1-10-05. Por volta das 18h, Jair Antônio da Costa, 31 anos, representante do Sindicato dos Sapateiros de Igrejinha, chegou ao Hospital Sapiranga em um veículo da Polícia Rodoviária Estadual com parada cardiorrespiratória. Médicos e enfermeiros tentaram por mais de uma hora reanimá-lo, sem sucesso. Um inquérito policial-militar foi aberto para apurar as circunstâncias da morte. O protesto dos cerca de 2 mil sapateiros de Sapiranga, Rolante, Campo Bom, Novo Hamburgo e Igrejinha se iniciou por volta das 17h, conforme combinado entre os representantes da categoria e a BM, para garantir o fluxo de veículos no local e a segurança dos próprios manifestantes. O motivo foi os 13 mil postos de trabalho desaparecidos no setor coureiro-calçadista da região desde o início do ano. Também participavam do protesto representantes da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e os deputados federais Marco Maia e Tarcísio Zimmermann (PT).

O custo do real foi uma brutalidade. É 2,3% ao ano vezes 12 anos, calcula Delfim

“O Plano Real é uma das coisas mais brilhantes já imaginadas. Um grupo de sujeitos se reúne, olha como foi o controle da inflação depois da I Guerra Mundial, mostra que você precisa pôr o batalhão andando na mesma velocidade, ao compasso certo; constrói um ente metafísico chamado URV, que era uma soma de três índices; congela o salário em URV e as pessoas nem percebem; congela, assim, a distribuição de renda e, quando estava tudo pronto, libera todos os preços quando estava tudo marchando a 40% e os preços já estavam todos certos. Aí segura o câmbio e aquilo tudo vem abaixo”, afirma Delfim Netto, ex-ministro da fazenda dos regimes militares e, atualmente, deputado federal, recém ingressado no PMDB, em longa entrevista publicado pelo jornal **Valor**, 30-9-05. Segundo ele, “a dificuldade veio quando se levou longe demais o brilhantismo, para terminar com 1,7% de inflação em 1998 e US\$ 180 bilhões de déficit de contas correntes. Então, eles reconstruíram todas as porcarias. Hoje, acho que o custo do Real foi uma brutalidade, é o crescimento que não tivemos. O crescimento foi de 2,3% ao ano quando o país, na pior das hipóteses, poderia ter crescido 4,5% ao ano. O custo do Real é esse: 2,3% ao ano vezes 12 anos. Dá um quarto do PIB”.

Frases da semana

“Desencapetamento total! Tem partido novo na praça: o Partido da Igreja Universal! - **José Simão, humorista - Folha de S. Paulo, 1-10-05.**

“Adorei a manchete: "Lula usa rolo compressor no Congresso". Já li a mesma manchete várias vezes: "Sarney usa rolo compressor no Congresso". "FHC usa rolo compressor no Congresso." O rolo é suprapartidário.” - **José Simão, humorista - Folha de S. Paulo, 1-10-05.**

“É uma ironia o fato de estarmos vivendo o período de maior infidelidade partidária justamente no governo do PT, partido até então de maior fidelidade. O sistema partidário chegou ao máximo de seu fracasso.” - **Paulo Delgado, deputado federal - PT-MG – O Globo, 1-10-05.**

“Não vejo necessidade nenhuma para um novo Concílio Ecumênico. Estude-se melhor o Vaticano II.” – **D. Boaventura Kloppenburg, bispo emérito de Novo Hamburgo, em resposta a uma pergunta da revista IHU On-Line – 22-9-05.**

IHU em revista

eventos pg. 58

IHU Repórter pg. 72

III Ciclo de Estudos sobre o Brasil

O livro *O Povo Brasileiro: a Formação e o Sentido do Brasil*, de Darcy Ribeiro, foi apresentado pela Prof.^a Dr.^a Léa Freitas Perez, do Departamento de Sociologia e Antropologia da UFMG, na última edição do **III Ciclo de Estudos sobre o Brasil**. O evento aconteceu no dia 29 de setembro, na Unisinos. Léa Freitas Perez concedeu uma entrevista sobre o livro à revista *IHU On-Line* número 157, de 26 de setembro de 2005.

Ecos do evento

“Achei interessante a empolgação e a energia da professora ao falar de Darcy Ribeiro. Isso é muito importante e nos anima a ler a obra. Gostei da forma como ela analisou o livro, não apenas o descrevendo, mas questionando as idéias de Darcy Ribeiro. Ao mesmo tempo, ela falou muito bem sobre o que ele é para o povo brasileiro. A obra é interessante porque nos faz pensar como o Brasil não deu certo, apesar de toda a riqueza que possui em função da característica da miscigenação do seu povo”.

Luís Kist, aluno do curso de Filosofia da Unisinos.

“Foi muito boa e verdadeira a tradução que a professora fez do personagem Darcy Ribeiro, uma figura muito personalista, que criou seu espaço na história do Brasil. Darcy Ribeiro é uma mente febril, que faz sua crítica ao processo de formação do Brasil, mas com uma grande crença na nossa sociedade – para ele, a mais bela do mundo. Saio satisfeito em poder ouvir Léa Perez”.

João Carlos Alves Rodrigues, formado em Letras pela Unisinos.

“Léa é brilhante e entusiasta neste assunto. Ela é uma antropóloga de gabarito. A palestra foi muito preparada, não houve improvisação. Léa apresentou um texto bem escrito, com precisão dos conteúdos e organicidade no desenvolvimento. Gostei muito. Léa foi minha aluna e é uma pessoa muito amiga. Tivemos um encontro pessoal muitíssimo agradável. Darcy Ribeiro é genial e um entusiasta que tentou pensar o Brasil por suas próprias idéias, a partir da sua própria experiência, e não dentro de um esquema rígido que normalmente a academia oferece”.

Prof. Dr. Pe. Inácio Schmitz, diretor do Instituto Anchietano de Pesquisas da Unisinos.

IHU Idéias

As relações entre religião e juventude foram tema da edição do evento **IHU Idéias**, promovida no dia 29 de setembro. A Prof.^a Dr.^a Léa Freitas Perez, da UFMG, foi a responsável pela explanação. Ela concedeu uma entrevista à revista **IHU On-Line** número 157, de 26 de setembro de 2005, falando sobre o tema que apresentou no evento, pautado no projeto de pesquisa que a professora atualmente desenvolve, intitulado *Religião, Política e Cultura entre a Juventude de Minas Gerais*.

Ecos do evento

“Foi uma palestra de alguém que está estudando o fenômeno juvenil na perspectiva religiosa, especialmente em uma cidade grande e católica como Belo Horizonte. A professora trouxe dados novos e outros já conhecidos, mas fazendo uma leitura nova de alguns aspectos. Léa Perez é testemunho da vivacidade da pesquisa juvenil na academia. Chamou-me a atenção a questão da religião vista como um aspecto que se dilui, que é aberto e que faz do jovem um ser autônomo”.

Dr. Pe. Hilário Dick, professor e coordenador do curso de Especialização em Juventude da Unisinos.

“A palestra me fez pensar se os jovens que se dizem católicos se definem assim apenas porque foram batizados na Igreja Católica ou se realmente acreditam na fé católica. Também vejo a possibilidade de alguns jovens que disseram pertencer a alguma religião serem pessoas sem religião. Me chamou a atenção a professora ter dito que, em escolas de classe social mais baixa, mais pessoas praticam religião”.

Daniel Hennemann, aluno do curso de Psicologia da Unisinos.

Alternativas para resolver conflitos nos pensamentos judaico, islâmico e cristão

No dia 6 de outubro de 2005, o tema em debate no evento **IHU Idéias** será *Modelos Alternativos para a Resolução de Conflitos nos Pensamentos Judaico, Islâmico e Cristão*. A palestra acontece das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU, e estará sob a responsabilidade do Prof. Dr. Marcelo Dascal, professor de Filosofia na Universidade de Tel Aviv.

Marcelo Dascal é professor de Filosofia na Universidade de Tel Aviv desde 1967. Nascido no Brasil, vive em Israel desde 1965. É graduado em Filosofia e em Engenharia Elétrica pela USP. Dascal estudou Linguística e Epistemologia na Aix-en-Provence, da França, e obteve Ph.D. pela Hebrew University of Jerusalem.

Confira a programação do IHU Idéias para outubro:

13/10/05 – *A Influência do Capital Social na Saúde Coletiva* – Prof. Dr. Marcos Pascoal Pattussi – Unisinos

20/10/05 – *A Cozinha Temática: da Tradicional à Fusion* – Prof.^a Dr.^a Maria Eunice Maciel – UFRGS

27/10/05 – *Pecados do Brasil na Mira da Inquisição* – Prof. Dr. Ronaldo Vainfas – UFF/RJ

Einstein: Um pouco da sua vida e de seu legado

“Einstein: Um pouco da sua vida e de seu legado” será o tópico de estudo dos participantes do **Ciclo de Estudos Desafios da Física para o século XXI** na próxima edição, que acontece dia 5 de outubro, das 17h30min às 19h, na sala 6R211 (Auditório da Física) da Unisinos.

Quem conduz o tema é o Prof. Dr. Enio Frota da Silveira, do Departamento de Física da PUC-Rio. Mestre em Física pela PUC-Rio, Enio Frota é doutor em Física pela Université Paris Sud, da França, e pós-doutor pela Texas A M University, dos Estados Unidos. A entrevista que segue foi concedida por e-mail pelo professor Enio à *IHU On-Line*.

O “xeque-mate” de genialidade do jovem Einstein

Entrevista com Enio Frota da Silveira

***IHU On-Line* – O Ciclo de Estudos discute a importância das descobertas que viabilizaram o desenvolvimento e aprofundamento do conhecimento da Física e sua aplicação em diferentes áreas. Como o senhor vê que as vidas e as obras científicas dos personagens que influenciaram o trabalho, a vida e a obra de Einstein podem contribuir para isso?**

Enio Frota – Segundo Einstein, os quatro cientistas que mais influenciaram seus trabalhos foram Galileu (1564-1642)¹⁹, Newton (1642-1727)²⁰,

¹⁹ Galileu Galilei (1564-1642): Grande astrônomo italiano e o primeiro grande físico da Renascença. Fez descobertas fundamentais no campo da Física e da Astronomia, revolucionando a ciência da sua

Maxwell (1831-1879)²¹ e Lorentz

época. Considerado o primeiro grande gênio da Ciência moderna, valorizou a técnica e a experimentação. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁰ Isaac Newton (1642-1727): físico, astrônomo e matemático inglês. Revelou como o universo se mantém unido através da sua teoria da gravitação, descobriu os segredos da luz e das cores e criou um ramo da matemática, o cálculo infinitesimal. Essas descobertas foram realizadas por Newton em um intervalo de apenas 18 meses, entre os anos de 1665 e 1667. É considerado um dos maiores nomes na história do pensamento humano, por causa da sua grande contribuição à matemática, à física e à astronomia. (Nota da *IHU On-Line*)

²¹ James Clerk Maxwell (1831-1879): cientista inglês e um dos maiores matemáticos e físicos do século XIX. Sua enorme fama deve-se aos estudos de eletricidade em movimento e à teoria cinética dos gases. Foi um grande físico experimental e teórico. Sua obra mais conhecida é o *Tratado de eletricidade e magnetismo*, publicado em 1873, e reconhecido atualmente como o fundamento da teoria eletromagnética. (Nota da *IHU On-Line*)

(1853-1928)²². O primeiro, autor do livro *Diálogo sobre duas novas ciências*, reformulou os conceitos de força e movimento, a Lei da Inércia e enunciou o Princípio da Relatividade: as leis físicas são iguais nos sistemas com velocidade constante. Foi sobre este princípio que Einstein ergueu sua Teoria da Relatividade. O segundo, Isaac Newton, autor do *Principia Mathematica Philosophiæ Naturalis*, atrelou definitivamente a Física à Matemática, enunciou as Leis da Gravitação Universal, da Ação e Reação e estabeleceu a importante relação entre massa, força e aceleração. Defendeu a hipótese de que: 1) a luz seria formada por partículas – idéia que foi aperfeiçoada por Einstein e que revelou a existência dos quanta de luz - e 2) o tempo e a simultaneidade de eventos são absolutos – consideração que foi atacada por Einstein na sua Teoria da Relatividade. Maxwell é o arquiteto do Eletromagnetismo e o sintetiza em quatro equações. Deduz dela que a velocidade das ondas eletromagnéticas (em particular a luz) é finita e calcula seu valor. Einstein vai conciliar as idéias aparentemente contraditórias sobre a natureza da luz e propõe que ela seja uma onda localizada no espaço. Lorentz, contemporâneo de Einstein, combinou as Leis de Newton e as Leis de Maxwell para determinar o movimento dos elétrons nos átomos. Foi o precursor da idéia de que o tempo não é absoluto e depende da velocidade do observador.

IHU On-Line – Einstein foi um marco, um divisor de águas para a Física. Que características de sua personalidade e da história de

²²Hendrik Antoon Lorentz (1853-1928): físico holandês, que se tornou conhecido pela sua teoria eletrônica da matéria. Compartilhou o prêmio Nobel de física de 1902 com o físico holandês Pieter Zeeman pela descoberta dos efeitos do magnetismo sobre a luz (efeito Zeeman). (Nota da IHU On-Line)

sua vida podem ajudar a entender como ele, um cientista tão jovem e inexperiente, com 26 anos, pôde ter elaborado cinco artigos que mudaram a forma de ver o mundo em apenas um ano (1905)?

Enio Frota – O momento em que Einstein começou sua vida profissional foi caracterizado por uma revolução científica. A visão do universo mudava. Os átomos e as galáxias estavam sendo descobertos, assim como os elétrons, os raios-X, a radioatividade,... Encontraram-se evidências concretas de que o famoso éter não existia. Planck²³ lançara a idéia dos quanta. Lorentz e Poincaré²⁴ começavam a destrinchar o enigma das observações de fenômenos físicos feitas por observadores em velocidades diferentes. O jovem Einstein, com sua genialidade, deu um “xeque-mate” em vários problemas da época.

IHU On-Line – Quais as decorrências na teoria e na prática cotidiana das descobertas de Einstein que o senhor destacaria?

Enio Frota – Suas descobertas geraram muitas aplicações importantes, entre as quais destaco duas: o entendimento da

²³Max Karl Ernst Ludwig Planck (1858-1947): físico teórico alemão. Dedicou-se ao estudo da termodinâmica. O fenômeno de absorção e emissão de energia radiante o atraía muito. Em 1900, Planck propôs a lei da radiação, estabelecendo os fundamentos para o desenvolvimento da teoria quântica. Esta nova teoria revolucionou a física. Em 1918, Planck foi agraciado com o prêmio Nobel de física por suas realizações sobre a radiação do corpo negro. (Nota da IHU On-Line)

²⁴Jules Henri Poincaré (1854-1912): cientista francês. Foi um dos maiores matemáticos dos tempos modernos. Utilizando a matemática como instrumento, fez também pesquisas em diversas outras áreas, como eletricidade, luz e movimentos dos planetas. Escreveu vários livros e ensaios sobre a filosofia da ciência. Seus livros mais famosos são *Ciência e hipótese* (1902), *O valor da ciência* (1909) e *Ciência e método* (1909). (Nota da IHU On-Line)

transformação de matéria em energia permitiu a construção de centrais nucleares e o conceito de emissão estimulada de luz levou à construção do laser.

IHU On-Line – Como Einstein aparece nas novas descobertas físicas, como a computação quântica?

Enio Frota – O físico Richard Feynman²⁵ concebeu a computação quântica, que permitiria a realização de um computador extremamente rápido e pequeno, de dimensões da escala atômica. Uma possibilidade seria o uso do spin do elétron como bit na representação de números, o qual está sujeito às leis da mecânica quântica. Ao contrário do que aconteceu na Teoria da Relatividade, não vejo como central o papel de Einstein nesta questão. Sua contribuição ocorreu indiretamente, por meio de trabalhos sobre mecânica estatística dos sistemas microscópicos, como o de 1905 sobre o movimento browniano.

IHU On-Line – Por que razão o senhor pensa que a ciência pura de Einstein ultrapassou os portões da academia e foi incorporada ao vocabulário das pessoas comuns, ajudando a moldar a cultura popular?

Enio Frota – Idéias como a aniquilação da matéria transformada-a em energia, e a dedução de que o tempo não é absoluto dispararam a imaginação de cientistas e de leigos. Armas superpoderosas foram construídas e viagens fantásticas intergaláticas ou no tempo são cogitadas. Filmes como *Guerra nas Estrelas* ou os de James

Bond assumem ar de verossimilhança e são sucesso mundial.

IHU On-Line – Quais relações podem ser estabelecidas entre a Física de Isaac Newton e a física de Einstein?

Enio Frota – A Física de Isaac Newton é a do dia-a-dia, chegando até mesmo a ser válida na escala planetária. Ela resolve a esmagadora maioria dos problemas de mecânica da escala humana, aqueles relacionados com a engenharia convencional. A física de Einstein é a das altíssimas velocidades (próximas à da luz) ou das massas imensas (como a das estrelas). Nestas condições, a mecânica newtoniana falha.

IHU On-Line – Como o senhor avalia a possibilidade de aplicação dos conceitos da Física Quântica para outros campos do conhecimento? É possível um debate transdisciplinar em torno da Física?

Enio Frota – Possível é, e deve ser tentado. Ambos os lados podem lucrar com esta discussão. O exercício deve ser feito com cautela, entretanto. Alguns dos conceitos envolvidos são extremamente abstratos, e a Matemática aparece como apoio indispensável no seu tratamento. Levar estes conceitos para um terreno em que a Matemática entra de forma limitada pode ser não frutuoso. Um exemplo típico em que um conceito físico pode aparecer em outra área é o Princípio da Incerteza de Heisenberg²⁶, que estabelece limites para nosso conhecimento. Isto é, em certas circunstâncias, não há progresso

²⁵ **Richard Feynman** (1918-1988): físico norte-americano, ganhou o Prêmio Nobel de 1965 por sua teoria das interações entre os elétrons e os fótons (eletrodinâmica quântica). (Nota da *IHU On-Line*)

²⁶ O princípio de indeterminação ou princípio da incerteza foi desenvolvido pelo físico alemão Werner Heisenberg (1901-1976), que se celebrou por seus estudos de física nuclear teórica. Esse princípio estabelece que é impossível determinar, com alta precisão, simultaneamente, a posição, a velocidade e a energia de um elétron em movimento. (Nota da *IHU On-Line*)

tecnológico possível que permita melhorar a precisão de observações. Para materializar o conceito: os microscópios óticos são cada vez melhores, mas nunca poderão nos mostrar vírus ou objetos menores.

***IHU On-Line* – Em linhas gerais, quais as principais divergências nos debates da Física na atualidade e quais serão seus possíveis reflexos na sociedade?**

Enio Frota – A Física avança para o muito grande (Astrofísica), o muito pequeno (partículas elementares) e o muito complexo (plasmas, nanociência²⁷, biofísica, por exemplo). Os instrumentos de pesquisa são cada vez maiores, mais complexos, mais eficientes e requerem mais energia e maior poder de computação. Para levar a cabo essa operação, é necessário, em particular, um exército de pesquisadores experimentais e teóricos, com boa formação, capazes de interagir com profissionais de áreas afins. A sociedade continuará a receber os frutos dos empreendimentos que financia, seja na forma de respostas a perguntas do tipo: de onde viemos, como somos constituídos, onde estamos, etc ou na forma de ferramentas capazes de melhorar nossa qualidade de vida ou como impedir que um cometa nos destrua.

***IHU On-Line* – Qual a importância que o senhor vê em um debate sobre os desafios da Física para o século XXI em uma universidade?**

Enio Frota – A importância da universidade neste processo é formar adequadamente novos pensadores, assim como professores, pesquisadores e alunos gerando novas idéias e desenvolvendo projetos de mérito.

²⁷ A revista *IHU On-Line* número 120, de 25 de outubro de 2004, dedicou sua matéria de capa ao tema das nanotecnologias. (Nota da *IHU On-Line*)

***IHU On-Line* – Gostaria de acrescentar mais algum comentário sobre o tema?**

Enio Frota – Desvendando boa parte dos fenômenos atômico-moleculares, o homem dispõe, hoje, de conhecimento e de tecnologia para atacar problemas cada vez mais complexos. Não desprezando o que aprenderemos no “muito pequeno” e “no muito grande”, tenho a convicção de o século XIX será marcado pelo grande desenvolvimento científico na área *bio*. A Física, atuando com novas abordagens, novos conceitos, instrumentação mais poderosa, estará sempre presente nesta área.

Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia

A âncora ética de Marshall e sua estreita relação com a política

Entrevista com Maria Aparecida Grendene de Souza

Uma discussão sobre “A Era Industrial e a Contribuição de Marshall” será a pauta do próximo encontro do **Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**, que será realizado dia 5 de outubro, das 19h30min às 21h30min, na Livraria Cultura, do Bourbon Shopping Country, em Porto Alegre. O tema será conduzido pela Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Grendene de Souza, do Departamento de Ciências Econômicas da UFRGS. A professora é também pró-reitora de planejamento e administração da UFRGS. Maria Aparecida Grendene de Souza é graduada e mestre em Economia pela UFRGS. Sua dissertação de mestrado intitula-se Alfred Marshall – Um Estudo de Economia Política. Foi publicada sob o título **Alfred Marshall – Um Estudo de Economia Política**. São Leopoldo: Unisinos, 1980. A entrevista a seguir foi concedida por e-mail na semana passada.

IHU On-Line – Marshall é considerado um dos economistas mais influentes da história. Quais suas maiores contribuições para a Economia?

Maria Aparecida Grendene – São muitas as contribuições de Marshall para a ciência econômica. Dentre elas, há consenso entre os autores de que a mais importante – do ponto de vista instrumental para a análise econômica – foi sua distinção entre curto e longo prazo, através da introdução da cláusula “coeteris paribus”. Em decorrência de tal distinção, Marshall pode formular uma teoria da demanda, com a distinção clara entre fatores que afetam a demanda e o que condiciona a quantidade demandada. Além disto, também foi contribuição essencial deste pensador o conceito de elasticidade, cuja utilização é ampla na economia. Eu ressaltaria, entretanto, que, além destas contribuições formais para a ciência,

Marshall, na velha tradição inglesa, revela em toda a sua obra a âncora ética e a estreita relação com a política, que são características da ciência econômica através dos tempos.

IHU On-Line – Como o pensamento deste economista pode ajudar a compreender a sociedade contemporânea?

Maria Aparecida Grendene – Acho que a resposta, em grande parte, está na observação feita ao final da questão anterior. Acrescentaria, ainda, a importância que Marshall atribui à história e, sobretudo, sua idéia de que a ciência econômica não pode se restringir a iniciados, como uma espécie de saber esotérico, mas que comporta a arte do convencimento. Ou seja, precisa ser entendida e capaz de provocar adesão. Neste sentido, seria um dos precursores da importância da retórica na Economia.

IHU On-Line – Sobre quais economistas Marshall exerceu maior ascendência?

Maria Aparecida Grendene – Penso que a maior influência de Marshall ocorreu informalmente, através de seus cursos, e foi incorporada numa espécie de “esprit du temps” por diferentes autores. De fato, foi um escritor tardio. Explicitamente, Keynes²⁸ reconhece e aponta Marshall como seu grande mestre. Em termos de ciência econômica, em geral, sua contribuição está disseminada nos manuais de microeconomia.

IHU On-Line – Alfred Marshall simpatizava com o socialismo e o cooperativismo, porém, era hostil ao sindicalismo e ao marxismo. Como isso aparece na sua obra?

Maria Aparecida Grendene – Eu referi anteriormente a âncora ética da Economia presente na obra de Marshall. Ora, ele reconhecia claramente que a sociedade de sua época era uma sociedade polarizada e assimétrica, na qual o poder de barganha dos trabalhadores era muito reduzido face ao dos empresários. Por isso, é favorável a arranjos produtivos que pudessem ser mais benéficos aos trabalhadores. Isso, entretanto, não envolveria uma “luta de classes”. Marshall é avesso a formulações dialéticas que não as da natureza. “Natura non facit saltum”; é o subtítulo dos *Princípios de Economia*, sua obra mestra.

²⁸ John Maynard Keynes (1883-1946): economista e financista britânico. Sua *Teoria geral do emprego, do juro e do dinheiro* (1936) é uma das obras mais importantes da economia. Esse livro transformou a teoria e a política econômicas, e ainda hoje serve de base à política econômica da maioria dos países não-comunistas. De Keynes, publicamos um artigo e uma entrevista na 139ª edição, de 2 de maio de 2005, outra entrevista na 144ª edição, de 6 de junho de 2005, dois artigos na 145ª edição, de 13 de junho de 2005, e um artigo no *Cadernos IHU Idéias* número 37, de 2005. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line – O conflito entre as aproximações de Marshall e Léon Walras marcou o pensamento econômico até nossos dias. Quais as características que mais marcam esse conflito?

Maria Aparecida Grendene – Melhor do que “conflito”, ao menos numa perspectiva marshalliana, penso que resgatar a ciência econômica de sua prisão no longo prazo – onde fora colocada por Walras²⁹ –, foi uma das grandes contribuições de Marshall para nossa ciência. Sua proposta de um método estático, substituindo a concepção walrasiana de estado estacionário – que Marshall denomina de ficção – representa um grande avanço para a análise econômica.

IHU On-Line – Para Marshall, a Economia é, no fundo, uma caixa de utensílios que permite estudar a espécie humana nos negócios ordinários da vida. Em que sentido seu pensamento pode ajudar a compreender a situação socioeconômica brasileira atual?

Maria Aparecida Grendene – Se pensarmos que, enquanto a ciência econômica em sua fronteira trabalha com as concepções e instrumentos – digamos, de última geração –, ou com a ponta do saber, há uma teimosa persistência subterrânea de controvérsias, de questões não resolvidas. Eu diria que é indispensável a recorrência à história do pensamento econômico quando pretendemos compreender a situação socioeconômica de qualquer país, o que inclui o Brasil. E nesta história o lugar de Marshall é o de um pensador inquieto, cuja obra reflete a dificuldade de enquadrar os verdadeiros desafios, adotando-se

²⁹ Marie-Esprit Léon Walras (1834 - 1910): Economista francês, um dos criadores da *teoria da utilidade marginal*, ao propor a matematização dos processos econômicos. (Nota da *IHU On-Line*)

métodos cujo poder analítico seja mais formal do que real. Um exemplo desses desafios seria saber por que o salário do trabalhador não corresponde à sua produtividade.

IHU On-Line – Gostaria de acrescentar mais algum comentário?

Maria Aparecida Grendene – A contribuição mais relevante de Marshall para o entendimento da realidade econômica contemporânea de nosso país, além do relevo por ele dado à necessidade do conhecimento histórico, é sua afirmação de que o maior

investimento que qualquer nação pode fazer é na educação de sua população trabalhadora. Tal concepção encontra coerência tanto nas correntes institucionalistas, que ganham relevo especial na atualidade, quanto na teoria marxista, na qual a atitude revolucionária da classe operária está diretamente relacionada com sua constituição como classe para si – ou seja, classe que tem consciência de seus interesses e, por isso, pode lutar por eles. Embora os contextos teóricos sejam diversos, em ambos a afirmação de Marshall tem pleno sentido.

Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II – Marcos, trajetórias e perspectivas

Os participantes do **Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II – Marcos, Trajetórias e Perspectivas**, no dia 29 de setembro, participaram do debate sobre *O Concílio Vaticano II e a Abertura Eclesial ao Mundo e aos Outros*. O palestrante foi o Prof. Dr. Inácio Neutzling, diretor do Instituto Humanitas Unisinos. Sobre o tema debatido no evento, confira a matéria de capa da 157ª edição da revista **IHU On-Line**, de 26 de setembro de 2005.

Ecoss do evento

“A palestra foi muito boa e compreensível. Já conhecia o professor Inácio Neutzling. Ele é muito acessível, claro e objetivo. Achei interessante como ele colocou a abertura do Concílio Vaticano II para o mundo, falando da *Gaudium et Spes* e de como o Vaticano se abriu para a realidade da época, dos anos 1960. Hoje, tudo continua funcionando, mas acho que seria um pouquinho diferente em função das mudanças depois de 40 anos”.

Paulo André Maia, aluno da graduação em Teologia na Estef, de Porto Alegre.

“Foi interessante que o palestrante conseguiu fazer uma análise histórica da influência da *Gaudium et Spes*, mostrando as novidades, o que ela trouxe de novo para a Igreja da época, que sofria uma crise interna. Ele foi explicando e encontrando os pontos na própria constituição, de um modo bem objetivo. Inácio colocou os desafios para a Igreja de hoje, afirmando que ela deve encontrar novos rumos, pois a *Gaudium et Spes* não abrange mais a diversidade do mundo contemporâneo. A Igreja de hoje deve buscar novas formas de responder a esse mundo”.

Neidir Rigo, aluno da graduação em Teologia na Estef, de Porto Alegre.

O Concílio Vaticano II e o ecumenismo

A próxima edição do evento **Concílio Vaticano II**, no dia 6 de outubro, contará com uma palestra do Prof. Dr. Aldino Segala, da Unisinos, e do Ver. Dr. Walter Altmann, pastor e presidente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) sobre o Concílio Vaticano II e o ecumenismo. O evento, que ocorre na sala 1G119 do IHU, inicia-se às 19h30min e estende-se até as 22h.

Walter Altmann é professor no Departamento Histórico Sistemático da Escola Superior de Teologia (EST), de São Leopoldo. Graduado em Teologia pela mesma instituição, é doutor em Teologia Sistemática pela Universidade de Hamburgo, da Alemanha. Sua tese leva o título *Der Begriff der Tradition bei Karl Rahner*. Obteve também pós-doutorado pela Luther Northwestern Theological Seminary, dos Estados Unidos.

Aldino Segala é professor nas Ciências Humanas da Unisinos. Graduado em Teologia pela PUCRS e em Filosofia pela Universidade de Passo Fundo (UPF), Segala é mestre em História e doutor em História Latino-Americana pela Unisinos.

O pastor Walter Altmann aceitou o convite feito pela revista **IHU On-Line** e elaborou um breve artigo sobre o tema que conduzirá na próxima quinta-feira, ao lado professor Aldino Segala. Acompanhe:

O Ecumenismo na vida e missão da Igreja

Por Walter Altmann

O Vaticano II deu uma inestimável contribuição e um extraordinário impulso ao ecumenismo. O ecumenismo moderno teve seu início em movimentos no seio do mundo protestante, ainda no século XIX. No século XX foram criados importantes organismos ecumênicos, voltados para a missão (1910), para a ação social (1925), para assuntos doutrinários e de ordem eclesiástica (1927). O Conselho Mundial de Igrejas (CMI) foi criado após a Segunda Guerra Mundial, em Amsterdã (Holanda), em 1948, voltado para a cooperação ampla entre as igrejas e para a ajuda emergencial a refugiados da guerra. Num primeiro momento, foi um organismo que congregou igrejas protestantes e

anglicanas. Na III Assembléia Geral, em Nova Délhi, em 1961, incorporou-se à maioria das Igrejas Ortodoxas.

Conselho Mundial das Igrejas.

Assembléia Geral em Porto Alegre

Hoje, o Conselho Mundial de Igrejas congrega mais de 350 igrejas de todo o mundo, representando aproximadamente meio bilhão de fiéis. Sua IX Assembléia Geral, a primeira na América Latina, será realizada em Porto Alegre, de 14 a 23 de fevereiro de 2006. A entidade nacional que convidou o CMI foi o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC), da qual também a Igreja Católica é membro

integrante. Nessa condição, a Igreja Católica está participando integralmente nos preparativos locais e nacionais da Assembléia.

Em nível mundial, a Igreja Católica é membro pleno apenas de uma das comissões do CMI – a saber, a de Fé e Ordem, precisamente o organismo que trata dos assuntos doutrinários e de ordem eclesiástica. Mas há uma estreita cooperação entre o CMI e o Vaticano também em outras áreas, como a de ação social. Na Assembléia de Porto Alegre haverá uma delegação oficial da Igreja Católica como representantes fraternos.

O Vaticano II (1962-1965) adotou oficialmente para a Igreja Católica o ecumenismo. Desde então, sucessivos papas têm declarado reiteradas vezes que o ecumenismo é parte essencial da vida e da tarefa da Igreja.

O espírito ecumênico também permeou os trabalhos do Vaticano II como um todo. Não apenas o Decreto sobre Ecumenismo tem relevância ecumênica. Também a tem, entre outras, as Constituições Dogmáticas sobre a Igreja e sobre a Revelação Divina, bem como as declarações sobre a Liberdade Religiosa e sobre as outras religiões.

O Vaticano II também deu impulso à renovação da Igreja e às relações ecumênicas nas diversas regiões. Assim, a II Conferência Episcopal Latino-Americana (Medellín, Colômbia, 1968) atualizou para o contexto de nosso continente o compromisso ecumênico e abriu caminho para o desenvolvimento das comunidades eclesiais de base.

Conselho Nacional das Igrejas Cristãs - CONIC

No Brasil constituiu-se o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC), em 1982, e há entre as igrejas, também em especial entre a CNBB e a Igreja Evangélica de Confissão

Luterana no Brasil (IECLB), uma série de cooperações concretas, seja no diálogo teológico, seja em pastorais específicas, por exemplo em relação à terra e à solidariedade missionária junto a povos indígenas.

Em nível mundial um avanço significativo deu-se em 1999, com a assinatura oficial por parte da Federação Luterana Mundial (FLM) e do Vaticano da “Declaração Conjunta acerca da Doutrina da Justificação pela Fé”, registrando um consenso básico nessa questão que dividiu a cristandade ocidental no século XVI. Em 2006, também o Concílio Metodista Mundial deverá expressar seu apoio a essa declaração.

O ecumenismo tem também suas sombras e percalços. O cenário religioso é hoje mais plural do que há um século. Muitas religiões e igrejas competem entre si, às vezes com agressividade e recorrendo a fundamentalismos em vez de cooperarem umas com as outras e buscarem a superação das divergências que as separam. Muitas igrejas – também as protestantes e a católica – estão tentadas a voltarem-se mais para seu interior e a solidificar sua própria identidade, limitando a cooperação ecumênica, ou mesmo rejeitando-a.

É particularmente doloroso que, embora haja amplos entendimentos entre os teólogos engajados em diálogos oficiais, ainda não tenha sido possível, de parte da Igreja Católica, atingir-se a comunhão eucarística (celebração comum da eucaristia) ou, pelo menos, a hospitalidade eucarística (prática em que uma igreja acolhe fiéis de outra igreja em sua celebração eucarística).

O Vaticano II teve um espírito decididamente ecumênico. É esse espírito que carrega o movimento ecumênico e também o fará atravessar períodos de turbulência e retrocesso. A unidade provém de Deus e, como dádiva dele, também se transforma em tarefa irrenunciável para as igrejas.

Idade Média e cinema

O filme *El Cid* e uma realidade unificada falsa

O curso **Idade Média e Cinema**, em sua última edição, no sábado, dia 1º de outubro, teve na programação a exibição do filme *El Cid*. O comentário posterior da obra com o público esteve a cargo da Prof.^a Dr.^a Rejane Barreto Jardim, da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Uma entrevista sobre o filme com a professora pode ser lida na 157ª edição da **IHU On-Line**, de 26 de setembro de 2005.

Ecos do evento

“Achei a exposição muito importante porque, com base no filme *O Senhor da Guerra*, discutimos a questão de que os países, como os conhecemos hoje, com suas fronteiras geográficas, nem sempre foram assim. O curso **Idade Média e Cinema**, em si, está sendo importante porque quero, no futuro, dar aulas, e o cinema é uma ferramenta interessante para despertar o gosto pela História.

Tiago de Oliveira Bruinelli, estudante do curso de História, na Unisinos, 3º semestre

“A exposição de *O Senhor da Guerra* foi brilhante. Aliás, achei de extremo bom gosto esse sistema de aulas, que unem a exibição de filmes e um comentário posterior. Na realidade, aprendemos um pouco de tudo, de ontem e hoje. Penso que o aproveitamento das horas do curso como complementares é, também, um atrativo aos estudantes”.

Ramão Edonil Dauinheimer de Carvalho, estudante do curso de História, na Unisinos, 1º semestre

O Senhor da Guerra

No evento Idade Média e Cinema do próximo sábado, dia 8 de outubro, o filme a ser exibido será *O Senhor da Guerra*, de Franklin Schaffner. O comentário com o público após o filme será conduzido pelo Prof. Dr. José Rivair de Macedo, da UFRGS. O evento ocorre das 8h30min às 12h30min, na sala 1G119 do IHU. José Rivair de Macedo é professor no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS. Graduado em História, é doutor em História Social pela USP. Obteve também pós-doutorado pela Universidade Nova de Lisboa, Portugal. É autor de diversos livros, entre os quais citamos *A Mulher Na Idade Média*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2002 e *Belo Monte: uma história da Guerra de Canudos*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

José Rivair ministrou a primeira palestra do evento Idade Média e Cinema, no dia 3 de setembro, ao lado do professor Dr. José Alberto Baldissera, da Unisinos, tendo como tema *A Idade Média através do Cinema*. Sobre o assunto, ele concedeu uma entrevista na 153ª edição da **IHU On-Line**, de 29 de agosto de 2005. Ele também foi o responsável pelo comentário do filme *Rei Arthur*, no dia 24 de setembro de 2005, concedendo sobre ele uma entrevista para a **IHU On-Line** número 156, de 19 de setembro de 2005.

O professor enviou uma breve resenha do filme, que publicamos a seguir:

O Senhor da Guerra

Ficha técnica

Título Original: The Warlord

Direção: Franklin J. Schaffner

Tempo: 122 minutos

Cor: Colorido

Ano de Lançamento: 2004

Recomendação: Livre

Sinopse: No século XI, o poderoso Duque Willian de Ghent envia o seu mais leal cavaleiro, Chrysagon, juntamente com seus guerreiros, para guardar e proteger seus assentamentos nas costa da Normandia de ataques e pilhagens pelos guerreiros de Frisian. Tentando tomar a filha do ancião da vila pela lei do drit de seigneur Bronwyn, filha de Odins, o senhor da guerra acaba percebendo que na verdade ele se encontra perdidamente apaixonado pela donzela. O senhor da guerra marca a estréia da primeira parceria entre os atores Charlton Heston e Franklin Schaffner, ambos premiados pela Academia pelos filmes Bem-Hur e Patton, respectivamente. Este filme foi adaptado para as telas do cinema a partir do romance e peça original de Leslie Stevens pelos também renomados John Collier e Millard Kaufman.

No princípio do século XI, um guerreiro a serviço do duque da Normandia recebe a incumbência de guardar uma fortaleza, situada numa aldeia dos confins do principado. Crysagon Delacroix, junto com seu irmão mais novo, Drako, seguido por seu homem de confiança, Boorz, e por uma tropa de guerreiros normandos, tem pela frente a difícil tarefa de defender os aldeões contra o ataque dos temíveis povos Frísios – que periodicamente saqueiam a região.

A relação entre o senhor da fortaleza e os camponeses se altera no momento a partir do qual Delacroix se vê atraído pela bela Bronwyn, prometida em casamento ao filho do ancião da comunidade. Invocando o direito de pernada, o “direito à primeira noite” (ius primae noctis), o senhor da

guerra vê-se dividido entre a obrigação de libertar a recém-casada na manhã seguinte, ou mantê-la consigo, correndo o risco de ser atacado tanto pelos camponeses quanto por seus próprios homens.

O Senhor da Guerra, dirigido por Franklin Schaffner, é uma produção pouco conhecida, realizada em 1965, que tem a participação de atores renomados na época, especialmente Charlton Heston e Richard Boone (Boorz). Trata-se de uma bela reconstituição da Europa Feudal, com fotografia primorosa, bom roteiro e, sobretudo, cenário e figurinos muito bem elaborados. É um dos filmes que melhor retratam o universo fechado, hierarquizado, místico mesmo, da sociedade feudal.

Encontros de Ética

A próxima edição do evento Encontros de Ética será realizada no dia 10 de outubro, das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU. Na ocasião, o tema *Programando Resultados. Seus ou dos outros?* será apresentado pelo Prof. MS Francisco Duarte de Castro Ferreira Carmo, das Ciências Econômicas da Unisinos. Graduado em Engenharia Mecânica pela UFRGS, Francisco Duarte é mestre em Administração pela Unisinos, com dissertação intitulada *Desenvolvimento do método de intervenção da aprendizagem incremental focada puxada (AIFP) para pequenas e médias empresas industriais*. Participe do evento. É gratuito e aberto a toda a comunidade.

IHU completa quatro anos

O Instituto Humanitas Unisinos está comemorando seu quarto aniversário. Uma exposição permanente no Espaço Cultural do IHU, durante a semana passada, ofereceu ao público um retrospecto das diferentes atividades do Instituto. Foi lançada também a revista **IHU em Formação** que já está no seu quinto número:

- No. 1 - Populismo e Trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola
- No. 2 - Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética
- No. 3 - Max Weber - O espírito do capitalismo
- No. 4 - Ditadura 1964. A Memória do Regime Militar.
- No. 5 – A crise da sociedade do trabalho.

Durante a semana a página do IHU www.unisinos.br/ihu ouviu e publicou o testemunho de Vera Regina Schmitz, coordenadora-adjunta quando da criação do IHU e hoje, coordenadora de dois programas do Instituto além de coordenar o setor de Relações Públicas, José Ivo Follmann, um dos criadores do Instituto e hoje diretor..., Guido Kuhn, superior provincial dos jesuítas no sul do Brasil e Sonia Montaña, jornalista, editora executiva da revista IHU On-Line e que trabalha no Instituto desde a sua criação.

IHU Repórter

Armando Marocco

“Sou alguém preocupado com a consciência de meus atos, de minhas palavras, com o que faço e com o que prego, sem me preocupar com prescrições normas externas”. Para alguns, irreverente, para outros, coerente. Independentemente adjetivos, temos aqui alguém comprometido e empenhado em conhecer pessoa humana. Sua preocupação primeira sempre foi priorizar os valores e entender motivo pelo qual a sociedade está produzindo, em número significativo, contravalores. Sua trajetória é permeada por trabalhos sociais que se preocupam em resgatar a dignidade de pessoas à margem qualquer possibilidade positiva. Seu objetivo é promover uma consciência da libertação das dependências, inclusive químicas, construindo um ser humano mais autônomo, maduro e com sua identidade preservada. Este é o padre Armando Marocco, até 2004 coordenador do Núcleo de Orientação Vocacional, na Unisinos. Ele relata, a seguir, parte de sua trajetória ao longo de seus 83 anos de vida.



e
de
a
o
de

Origens – Nasci em Guaíba, em 1922. Meu pai, Luiz e minha mãe, Antônia, vieram da Itália como imigrantes e receberam terras, tinham uma granja de arroz lá. Sou o sétimo filho e quando nasci, meu pai, preocupado com a educação de todos nós, mudou-se para Porto Alegre. Moramos no bairro Teresópolis. Cursei o ginásio no Colégio Anchieta e depois fiz um ano de pré-universitário em Direito. Já estava decidido a entrar na ordem dos jesuítas. Anteriormente, nunca quis ser padre. Quando era criança ou adolescente nunca havia pensado nessa possibilidade. Quando comuniquei à família que seria padre meu pai sentiu muito. Ele estava feliz porque eu iria cursar Medicina. Nenhum dos meus irmãos cursou o ensino superior. Terminaram o primeiro grau – alguns, o segundo – e seguiram plantando arroz. Papai disse que se eles não quisessem estudar teriam de trabalhar. E eles abaixaram a cabeça e foram. Depois, meu pai e minha mãe foram compreendendo, e quando me ordenei padre, na Bélgica, em 1953, eles foram e ficaram muito honrados e satisfeitos.

Lembrança da infância – Lembro-me que quando morávamos na Avenida Teresópolis, 383, eu era um guri de seis ou sete anos que gostava muito de música. Dona Glorinha tocava órgão na igreja e eu fazia parte de um coral de meninos. Um dia me senti tão feliz que cheguei para ela, timidamente, e perguntei se gostaria de me ensinar a tocar piano. Aquele foi um momento de reestruturação da minha vida. Apreendi música e isso movimentou meus sentimentos. Hoje toco no piano peças de Beethoven, Chopin, Schumann, Tchaikovsky. Se hoje, depois de mais de 70 anos, for para o piano, tocarei a mesma coisa. Preciso treinar um pouquinho, mas toco.

Vocação – Queria ser médico, porém, sempre me dediquei a causas sociais. Na escola, sempre organizava jogos, passeios e excursões e isso me envolveu com a juventude. Sabia que poderia fazer mais. Quando tinha uns 17 anos, fui assistir a um filme sobre a vida de Dom Bosco e fiquei empolgado com a obra que ele fez com menores de rua, abandonados e pobres. Decidi que era isso o que queria fazer e pensei: será que vou ter de ser padre como Dom Bosco? Jamais! Trabalhei essa idéia por algum tempo. Tinha uma namorada, queria me formar em Medicina, mas a idéia de trabalhar com essa juventude perdida me dominou. Lembro-me do dia em que tomei essa decisão. Estava em cima do viaduto da Rua Duque com a Borges de Medeiros, e aquela idéia não saía de minha cabeça, tinha de dar um jeito de desenvolver projetos sociais. Dei-me conta de que teria de seguir o sacerdócio. “Paciência! Vou ser padre!” Embora minha vocação tenha sido fortemente marcada por motivações sociais, e não sobrenaturais, já tenho 64 anos de vida religiosa e estou muito feliz.

Trajetória – Durante minha vida nunca deixei meu propósito de lado. Fui diretor da Fundação do Bem Estar do Menor, antiga Febem, hoje Fase, durante o final da década de 1960 e início de 1970. Neste período não houve nenhuma rebelião, nenhum ato de delinquência, não queimaram nenhum colchão. Não ficava no gabinete isolado e protegido

por seguranças para não ser agredido. Passava horas, durante a noite, conversando com eles, porque esta é a minha vocação. Hoje, trabalho com jovens – os piores, rejeitados pela sociedade, delinquentes e drogados – e com um grupo de gays. Eles têm muito a ensinar. Estou aprendendo a ser mais humano e menos materialista, mais dedicado e menos interessado em minha honra e em meu poder. É comum que as pessoas pensem: “Diga-me com quem andas e te direi quem és”. Não dou importância a isso, digam o que quiserem. Não me denomino uma pessoa que trabalha com dependentes químicos. Trabalho com a pessoa em geral, com a qual a dependência das drogas existe. Estamos trabalhando na consciência da libertação das dependências, no sentido de ser um ser humano mais autônomo. Também trabalho em escolas com orientação profissional, empregando um método que descobri no Canadá quando fiz mestrado em Psicologia, entre 1975 e 1977, com dissertação sobre os valores educacionais e de trabalho, e o doutorado (Ph.D) em 1991, com tese sobre os interesses profissionais. Trouxe para o Brasil um método de orientação vocacional com caráter educativo. É um instrumento para desenvolver com maior clareza, com maior certeza o auto-conceito profissional.

Música – Toda a minha vida se estruturou num clima de arte musical. Quando trabalhei como estudante jesuíta, em Florianópolis, a primeira coisa que fiz foi montar um coral de alunos. Era um coral a quatro vozes. Também criei uma pequena orquestra. Eu tocava piano e tinha violino, violoncelo, contrabaixo, acordeon, flauta, bateria, clarinete. Tocávamos nas festas do colégio. Depois disso, deveria fazer meus estudos de Teologia, e nosso padre provincial me disse que eu faria Teologia na Bélgica. Perguntei o motivo e ele disse que era para eu estudar Música. Aperfeiçoei-me em direção coral em Regensburg, com os mestres dos Regensburger Domspatzen (pequenos cantores de Regensburg) – em minha opinião, os melhores. Lá, participei de apresentações e fiz estágios. Quando vim da Europa, em 1955, comecei como professor no Anchieta, e lá fundei um coral clássico. Cantávamos na Catedral, em diversas igrejas e em casamentos.

Horas livres – Se eu tivesse aqui um bom piano tocaria todos os dias. Toco órgão, mas nas horas de lazer, saio com meus jovens para nos sentarmos em um barzinho e tomarmos uma cerveja bem gelada, esquecendo-nos do tempo e das horas e rememorando alegrias...

Filme – Ao mestre com carinho, dirigido por James Clavell.

Autor e livro – Identidade, juventude e crise, de Erik Erikson. Trabalhei muito com esse autor e seus estudos sobre o desenvolvimento humano, que me ajudaram a criar uma base científica para a psicologia do desenvolvimento humano.

Metas – Quero ver montada uma organização não-governamental especializada em orientação de escolha de uma carreira para a vida como realização de uma personalidade. As escolas e universidades estão

preocupadíssimas em ter os alunos bem aprovados nos exames que o MEC faz. Isso é uma inversão de valores. A escola ou a universidade tem de ser reconhecida pelo que desenvolve na pessoa do aluno através dos conhecimentos científicos. Não estou indo contra os conhecimentos científicos, mas, em primeiro lugar, a direção de uma escola ou universidade deveria investir na pessoa dos seus alunos, em sua dignidade, independentemente de qualquer objetivo financeiro.

Unisinos – Temos de oferecer coisas bonitas, claro. O pessoal aqui adora este campus porque tem um lago, tem verdura, tem patos, gansos, bancos para se sentar. Toda a atração externa é muito bacana, mas ainda não é o essencial de uma instituição educacional, que deve se dedicar prioritariamente ao desenvolvimento da pessoa humana. Em todas as aulas e matérias, todos os professores, tudo o que é ensinado aqui deveria ser transmitido de modo a desenvolver a auto-estima nos alunos e não o sentimento de rebaixamento diante da sabedoria do professor. Desenvolver a auto-realização, e não a realização do professor; desenvolver um clima afetivo de diálogo e não de imposições de cima para baixo; desenvolver a coragem nos alunos para que sintam vontade de crescer e não ter medo de enfrentar dificuldades. Digo isto como admirador das parábolas do Evangelho. A parábola do filho pródigo é um monumento de humanismo. Da mulher adúltera. Da ovelha perdida. Do festim de banquetes, que Ele sempre ensinava com uma parábola.

Instituto Humanitas Unisinos – Conheço o IHU pelos assuntos que são desenvolvidos, de caráter social. Sinto-me muito motivado em colaborar com o Instituto Humanitas Unisinos, pois o respeito e o admiro.